

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



LAWRENCE OLIVIER
e MERLE OBERON
numa das famosas de «O Men-
te dos Vendavais», produção
United Artists distribuída pela
Santos Filme, que ganhou o
Título de «Animatógrafo»

as estreias DO Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHEIS CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHEIS ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

A RÁDIO-FILMES

apresenta «SORTE GRANDE» («Lucky Partners»)

Argumento extraído da obra «Bonnie Chances»,
de Sacha Guitry

Realização de Lewis Milestone

Produção de George Haight

Personagens:

Jean GINGER ROGERS
David RONALD COLMAN
A Tia SPRING BYINGTON
Freddie JACK CARSON



Jean (Ginger Rogers) trabalha numa pequena livraria que sua tia (Spring Byington) possui em Greenwich Village — o Montparnasse de Nova York. Ali vive também David Grant (Ronald Colman), artista boêmio, cujo passado é um mistério.

Um curioso incidente leva Jean à superstição de que David Grant «dá sortes», e nesse convencimento propõe-lhe sociedade numa aposta de corridas.

O artista, fazendo valer o seu «mérito», dita uma estranha condição.

Freddie (Jack Carson), namorado da rapariga, era de opinião que com as luas de mel se gastavam inutilmente tempo e dinheiro. David considerava-as indispensáveis à felicidade do matrimónio. Do pleito nasceu a ideia da tal estranha condição.



Parece que é verdade: o artista boêmio, de passado misterioso, «dá sorte...» A aposta rendeu 150 contos.

E cumpre-se a condição. Seguindo o itinerário clássico das luas de mel, Jean e David partem para o Niágara.

Como irmão e irmã (?), eis os dois a gozar uma suposta lua de mel.

Um dia sem amanhã, mas um dia que se prolonga... até se extinguirem os 6.000 dólares, Jean acha encantadora a ideia que teve o artista.

Vivem no hotel em quartos contíguos, mas David cavalheirescamente não se esqueceu de entregar à rapariga a chave da porta que os divide. E à noite, paredes meias, adormecem os dois candidamente, embalados pelo mesmo eco romântico das castorinhas.



Freddie, que aceitara pouco satisfeito aquela exdrúxula situação, resolveu tirar-se dos seus cuidados e, com o preconhecido propósito de os surpreender, irrompe pelo hotel. Mas em vão... os dois «manos» mostram uma atitude irrepreensível.

Ao mesmo tempo, David tem que abandonar precipitadamente as suas férias, para explicar à polícia o seu misterioso passado e desfazer as intrigas que envolvem a sua verdadeira personalidade de artista célebre.

O caso vai parar aos tribunais. Um juiz-filósofo, um namorado-ingénuo, um artista-apaixonado, e a Jean, que acaba por «dar sorte» a quem a tinha... Deixemos a solução deste problema judicial e amoroso ao nosso clarividente leitor.

(Texto de António de Carvalho Nunes)

“O Monte dos Vendavais”



O Director do «Animatógrafo» proclamando o filme vencedor

Finalmente publicamos os resultados dos nossos prémios para 1940, proclamados pelo Director de «Animatógrafo» na grande festa de quinta-feira passada.

Os resultados têm verdadeira categoria — e outra coisa, não era de esperar, aliás, do júri do concurso.

A primeira Taça de «Animatógrafo» não podia ter encontrado mais digno detentor.

Greta Garbo — que pela primeira vez é distinguida com um prémio desta ordem (parece impossível, mas é verdade!) — conquistou a sua medalha por uma maioria esmagadora.

A vitória de Leslie Howard — se bem que arrancada num segundo escrutínio contra Robert Donat — justifica-se também por si própria.

Conforme podem ver pelos quadros que publicamos nesta página, foram votados nove filmes, seis interpretações de actrizes e sete de actores — todos para o primeiro lugar. As listas de classificação foram elaboradas pelo número de votos reunidos por cada concorrente (filme ou intérprete), desempatando o júri de admissão, por escrutínio secreto, os que alcançaram igual número de votos.

GRETA GARBO
em «Ninotchka»
e LESLIE HOWARD
em «Pigmaleão»

foram os vencedores do Concurso de 1940

OS FILMES CLASSIFICADOS

- 1.º — «O MONTE DOS VENDAVAIS»
(Wuthering Heights) da Sonoro Filme
- 2.º — «INTERMEZZO»
(Intermezzo) da Sonoro Filme
- 3.º — «PIGMALEÃO»
(Pygmalion) da Nacional Filme
- 4.º — «PINOCCHIO»
(Pinocchio) da Rádio Filmes
- 5.º — «NINOTCHKA»
(Ninotchka) da Metro Goldwyn Mayer
- 6.º — «ADEUS, MISTER CHIPS!»
(Goodbye, Mister Chips!) da Metro Goldwyn Mayer
- 7.º — «ASSIM NASCEU O CINEMA»
(Hollywood Cavalcade) da Fox Filmes
- 8.º — «MULHERES»
(The Women) da Metro Goldwyn Mayer
- 9.º — «DE BRAÇO DADO»
(Babes in arms) da Metro Goldwyn Mayer

AS ACTRIZES

- 1.º — GRETA GARBO
em «Ninotchka»
da M. G. M.
- 2.º — WENDY HILLER
em «Pigmaleão»
da Nacional Filmes
- 3.º — NORMA SHEARER
em «Mulheres»
da M. G. M.
- 4.º — ANNA NEAGLE
em «Irenes»
da Rádio Filmes
- 5.º — EDWIGE FEUILLÈRE
em «Fui uma aventureira»
da Sonoro Filme
- 6.º — GREER GARSON
em «Adeus, Mister Chips!»
da M. G. M.

OS ACTORES

- 1.º — LESLIE HOWARD
em «Pigmaleão»
da Nacional Filmes
- 2.º — ROBERT DONAT
em «Adeus, Mister Chips!»
da M. G. M.
- 3.º — LESLIE HOWARD
em «Intermezzo»
da Sonoro Filme
- 4.º — ERROL FLYNN
em «As Aventuras de Robin dos Bosques»
da S. I. F.
- 5.º — LESLIE HOWARD
em «A Comédia do Amor»
da S. I. F.
- 6.º — CARY GRANT
em «Paraíso Infernal»
da Aliança Filme
- 7.º — RALPH RICHARDSON
em «As 4 Penas Brancas»
da Sonoro Filme

O Correo de Bel Tenebroso

EXILADO DO MONDEGO. — As cartas são abertas e numeradas, logo que as recebo. Não era necessária, pois, a tua menção de «urgente». — Estamos tratando de acelerar o ritmo das respostas, quer reduzindo a extensão das mesmas, quer com as separatas da correspondência que breve aparecerão. — Transmitti a tua carta ao Director de Animatógrafo.

JESSE JAMES. — Nada tens a agradecer. Poderás corresponder-te comigo, sempre que quiseres, e, para tanto não necessitas de ser assinante de Animatógrafo. Fico, esperando, pois, as tuas cartas.

AMO UMA PITINHA. — Que pseudónimo tão estranho! — Myrna Loy não aparecerá esta época noutro filme, que não seja *Nick & Espôa, detectives*. — Myrna nasceu a 2 de Agosto de 1905. Tem portanto 36 anos incompletos. — E Annabella, não veremos filme algum na presente temporada.

CALOIRO CINÉFILO. — Sonia Henie continua a ser a boa actriz e excelente patinadora de sempre. Nada nos autoriza a supor que a sua estréla haja empalidecido. — *A Rainha dos Diamantes* era um filme razoável. — *O Monte dos Vendavais* é um dos filmes mais notáveis da presente temporada. Deixa falar aqueles que o classificaram de «pepineteira», como tu referes. Nem todos são obrigados a sentir e compreender as verdadeiras obras de arte. Se assim fôsse, não haveria compradores para aquelas oleografias com peças de caça, que se vêem em certas salas de jantar...

ETERNO GAROTO. — Não vejo inconveniente em que as leitoras adoptem pseudónimos que sejam a forma feminina dos pseudónimos dos leitores e vice-versa... Assim como há Mário e Maria, João e Joana, também poderá haver um Eterno Garoto e uma Eterna Garota, dentro do correo de Bel Tenebroso, sem inconveniente para qualquer dos legítimos detentores dos pseudónimos. No entanto, para evitar confusões eu preferiria que a moda se não generalizasse...

TONY. — Este leitor portuense pede-me que avise o outro leitor que me escreveu com idêntico pseudónimo de que tem a primazia do mesmo, visto já ter respostas nesta secção sob o nome que escolheu (Vide n.º 3 de Animatógrafo). Estou certo de que o Tony n.º 2 acederá a mudar de pseudónimo, o que evitará confusões que prejudicariam ambos. — Pessoalmente, prefiro *Minha Mulher Favorita* a *Bigamã*, mas compreendo que outros prefiram o segundo. Sob o aspecto cinematográfico, o primeiro tem, a meu ver, mais interesse! — *Pátria-Filmes, Ld.* é a designação comercial duma casa que se dedica ao cinema ambulante, isto é: leva os espectáculos cinematográficos ao centros onde não há salas.

MICKEY ROONETE. — Mickey Rooney está ainda solteiro. Achas que os seus dezoito anos o autorizam já a pensar em casar?!... Estou a vê-lo a declarar-

Conforme prometemos aos nossos leitores, dedicamos neste número QUATRO PAGINAS a esta Secção para avançar, quanto possível, as respostas

se à Lamour e à Lamarr, que podiam quasi ser mães d'ele, e elas a dizerem-lhe: «olha, meu amor: cresce e aparece...». — Podes escrever à Lamour, para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. Estou certo de que ela te mandará um retrato.

DEANNÓFILO. — «Ignácio da Purificação» ficou desvanecido com os teus cumprimentos. O Pai é que não gostou da brincadeira... Não quer que desenchemos o rapaz, que pensa mais nas estrélas do cinema do que no Lavoisier e o Arquimedes, por cujas «produções» tem que se interessar à força... — Nat Pendleton: Metro Goldwin Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

POOR THING I AM. — Que pseudónimo tão derrotista! Parece a versão da frase latina que costuma encimar os portais dos cemitérios: *Memento homo...* — Cá fica inscrito na lista dos meus consulentes. — Pode entregar as suas cartas, pessoalmente, na Redacção, se não quiser aumentar as receitas dos Correios e Telefógrafos, de quem eu aliás devia receber uma comissão... — *O mistério da Estrada de Sintra* é um projecto que tem tódas as possibilidades de realização.

OBJECTIVAS. — Carmen Santos: Brasil Vita-Filmes, Rio de Janeiro.

AMIGO N.º 1 DO ANIMATÓGRAFO. — A opinião de Renoir é respeitável, como tódas as opiniões. Ele detestará Puccini, possivelmente com a mesma veemência com que tu o adoras. De resto, isso sucede a cada passo, com outros músicos. Não te posso expor as razões que o levam a justificar semelhante juízo, pela simples razão de que ele já se tinha ido embora, quando li o teu postal.

DOIDO POR FOX. — Se és estudante, o teu pseudónimo tem qualquer coisa de estranho e paradoxal. Como sabes fox, em inglês, quer dizer «raposa»... — Não tens que me pedir desculpa da tua carta vir dactilografada. Tomara eu que todos os meus leitores escrevessem à máquina, pois me facilitaria muito a leitura das cartas. — Um homem como tu, que faz 34 quilómetros para poder assistir a um espectáculo cinematográfico, merecia a medalha de ouro de Amor ao Cinema. Bravo, Amigo! — Este leitor, desejava as letras de *Gosto de Assobiar* (Doida por Música) e *Says my Heart* (Quando canta o cora-

ção). Estou certo de que alguém mas remeterá, para podermos satisfazer o pedido de *Doido por Fox*. A letra de *My Own* (e não *My home*, como tu escreveste) já foi publicada nas páginas da nossa revista. — Podes solicitar o retrato de *Maria da Graça*, por intermédio de Animatógrafo. — Li a tua carta com muito interesse. Escreve-me sempre que te apeteecer. Gostosamente te responderei.

PRINCESA DA SELVA. — Olá!? Por cá?! «Há quanto tempo te não lia, e que saudades, Deus meus! Com este frio, não deves estranhar que eu parafraseie (lé duas vezes esta palavra, para a decorares) a *Balada de Neve*, de Augusto Gil — Tu queixas-te de que as respostas demoram. Eu regozijo-me quando encontro uma carta tua! — Transmitto as tuas saudações a *Mab-illa* e a todos os ex-leitores do *Cine-Jornal*.

RAFFLES. — Nem com tódas as reacções químicas conhecidas poderás «precipitar» a invisibilidade deste teu fiel servidor. — A crítica não considerou *Quando o outro dia chegou* «uma das maravilhas do cinema», como tu opinas. Disse que era um bom filme, e nada mais. E dizendo que era um bom filme, não exagerou, nem mentiu. Na categoria de «Maravilhas do Cinema», poderás incluir filmes como *O Monte dos Vendavais*, *Pinocchio*, *Ninotchka*, etc. — *Raffles* deseja corresponder-se com *Fotogénica* e saúda *Rey... sem trono*, *Bob Taylor*, *Deram-lhe uma espingarda* e *Arsene Lupin*.

BEL, O PIRATA. — Transmittimos a Tereza Casal a tua carta. — *João Ratão* é, certamente, um dos filmes portugueses que mais agrado despertaram. De resto, tem reais qualidades a impô-lo. — Deanna Durbin: Universal City, Universal Studios, Hollywood, Califórnia.

UM DOIDO ALADO. — Não creio que a pessoa que citas tenha sido aproveitada para intérprete de *Pôrto de Abrigo*. A não ser que faça algum papel tão insignificante, que não venha mencionada na distribuição. — Não creio que sejas aceite para o *Clube do Animatógrafo*, onde só têm cabimento aqueles que já iam conscientemente ao cinema há dez anos, e nessa data o consideravam já a Arte dos seus Amores!

(Palavra ininteligível) **ENIGMA.** — Não consegui decifrar completamente o teu pseudónimo. De modo que (tem paciência!) aparece assim. Para a outra vez, escreve-lo-ás melhor, não é verdade?! — *Igrejas Cairo* é, de facto, uma boa promessa. Oxalá, ôle no Cinema, consiga impôr-se como no Teatro, onde o seu trabalho tem sido visto com evidente simpatia. — Josephine Baker, que V. terá ocasião de ver em breve num palco de Lisboa, é de facto extremamente simpática. — Escreve-me sempre que quiseres. Estou aqui para responder a todos os meus leitores.

O REFERENDUM DOS RETRATOS

Esta semana, MARIA DA GRAÇA e OSCAR DE LEMOS são os vencedores

Bravo! Nesta torrente impetuosa de senhas de voto, uma onda violenta galgou sobre a grande vaga de artistas estrangeiros. Após uma luta renhida e intensa que os leitores seguiram, nestas colunas, quasi com emoção — a competição chegou a ter aspectos desportivos — dois artistas portugueses, Maria da Graça e Oscar de Lemos, alcançaram vitória! Isto é, não só lisongeio mas também sintomático. Parabéns aos admiradores de uma e das admiradoras do outro — que se deram as mãos para impor os seus favoritos.

No fim da apuração os resultados da semana são os seguintes:

- | | |
|----------------------|---------------------|
| 1—MARIA DA GRAÇA. | 1—OSCAR DE LEMOS. |
| 2—DEANNA DURBIN. | 2—CARY GRANT. |
| 3—BETTY GRABLE. | 3—LAURENCE OLIVIER. |
| 4—DANIELLE DARRIEUX. | 4—RICHARD GREENE. |
| 5—JOAN BENETT. | 5—SPENCER TRACY. |
| 6—HELEN PARRISH. | 6—MICKEY ROONEY. |
| 7—GRETA GARBO. | 7—IGREJAS CAEIRO. |
| 8—INGRID BERGMAN. | 8—MELVYN DOUGLAS. |
| 9—ELEANOR POWELL. | 9—NELSON EDDY. |
| 10—NORMA SHEARER. | 10—PAUL MUNI. |

JEAN ARTHUR.

Esta semana, houve um caso engraçado: um leitor votou no cavalo «Florian»! Não lembrava ao demónio semelhante escolha, mas nem por isso deixamos de registar aqui semelhante pre-dilecção.

Por lapso fálhou, de facto, no último número, a senha de voto que hoje reaparece. Agradecemos, no entanto, a solicitude dos leitores que pensaram na melhor maneira de suprir a falta. Prevenimos, no entanto, só registamos as senhas recordadas de «Animatógrafo».

Insistimos ainda que não mandem correspondência de «Referendum» para Bel-Tenebroso o que só complica e atrasa o serviço. E poupem selos de \$40 e sobrescritos! Cozem as senhas de votos em postais!

E, pôsto isto, venham votos, mais votos!

Nêste número: Quatro páginas de Correio!

CANUPE. — Poderá perguntar, sempre que quiser, tudo o que lhe interessar. — Obrigado pelas suas boas palavras. — Agora que está apresentado, não deixe de me escrever.

CONDE MISTERIOSO. — Respondendo a duas cartas tuas, expediente que adoptarei, de quando em quando, sempre que elas «estiverem próximas», e até pôr em dia a correspondência atrasada. — Tens um processo de poder encaixilhar as duas fotos duma só separata: comprar dois números. Ou achas que uma das estrêlas não valerá quinze tostões?! — *Pão Nosso*, como todos os filmes maus, tem bons momentos. Pena é as qualidades não contrabalançarem os tremendos defeitos de que o filme enferma. — Não quererás ser tão amável que me informes qual é o romance que dará origem ao filme que se anuncia? Caso exista (tenho a impressão de que estás iludido), gostaria que me desesses todas as indicações. Sabes a que filme me quero referir? — Por ora, o único filme português em vias de realização é *Lóbo da Serra*, de Brum do Canto.

PRINCEPE MIKAIL. — Felicitote, portuense amigo, por grande número de estreias em Portugal se realizarem nos cinemas do Porto. Ainda agora, viram primeiro do que nós, *Tovarich*. — Numa resposta anterior falo de *Bigamia e Minha Mulher Favorita*. Dispensome-me, pois, de versar, novamente, o assunto.

PRINCESA DOS BOSQUES. — «Não sei se seréi bem recebida», dizes tu! Duvidas, porventura, do cavalheirismo de *Bel-Tenebroso*? Então, tratando-se duma princesa!... — Robert Taylor: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Tyrone Power e Linda Darnell. 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — É natural que estes três artistas te enviem foto grátis. — Transmito a *Bob Taylor* e a *Bel, o pirata*, as tuas saudações, ao último dos quais na qualidade de eborense, que te prezas de ser.

ANDY CONQUISTADOR. — A tua homenagem ao Mickey Rooney, é verdadeiramente comovedora... — Podes escrever a Maria da Graça, por intermédio de *Animatógrafo* (Quantas vezes te reí eu que escrever esta frase, que tem sido o «refrains» do «Correio de *Bel-Tenebroso*», desde o n.º 2 da nossa revista!...).

REY... SEM TRONO. — Judy Garland completou 17 anos no dia 10 de Janeiro. Escreve-lhe para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Este rei destronado deseja cartear-se com *Uma loira madeirense*.

CINEFILO ALDEÃO. — O teu pseudónimo não me parece mal. É uma réplica cinefílica ao Poeta aldeão... — Espero agora que me escrevas, uma vez que a tua apresentação está feita.

UM NEOFITO. — Tens razão quando dizes que a melhor forma dos cinefilos portugueses mostram o reconhecimento pelo esforço que *Animatógrafo* representa é divulgarem a revista e arranjar o maior número possível de assinantes e compradores. —

Rapsódia de Prata tinha de facto a presença de Sonia Henie e Tyrone Power a impô-la à nossa simpatia e, sobretudo, a música lindíssima de Irving Berlin, que é sempre uma atracção incontestável.

HEATHCLIFF. — Entendido: o pseudónimo de *Raffles*, que propunhas, fica sem efeito, por já haver um leitor que o usa. — Pelo que me dizes, já deves ter matado saudades de Deanna Durbin. Parabéns, amigo. — Transmíto, a *Kallikrates*, as tuas saudações.

ALICE BOAVIDA. — Ignácio da Purificação é, de facto, uma personagem viva... — Claudette Colbert tem 36 anos. Podes escrever-lhe para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia.

LOIRO STROGOFF. — Registei o teu «enérgico protesto» contra a demora do correio. Mas tem paciência amigo, já que outra coisa te não pode valer... — Este leitor anseia por ter uma correspondente em Lisboa, com quem possa trocar impressões sobre Cinema. Espero que alguma das minhas leitoras anua ao pedido deste cinefilo nortenho, pois talvez, tendo êle com quem conversar, se não «zangue» comigo, quando as respostas tardarem. — Quanto à outra pergunta: «se tenho consulentes em determinada cidade do País», tem paciência mas é segredo profissional...

CONDE MISTERIOSO. — Outra carta tua! Uma datada de 4 (a que respondi atrás) e est: 5! Se todos os leitores fossem tão pródigos a escrever-me, já estava sepultado no Alto de S. João com uma lousa feita de envelopes, a cobrir-me... — A tua carta é um arroubo amoroso, em louvor da Judy Garland! Que te posso dizer: que tens muito bom gosto! — «Se estivesse na Cinelandia, qual estrêla preferia beijar?» A tua pergunta é extremamente embaraçosa. Vou pensar e um dia te direi... — Transmíto a *Miss Século XX* que o seu pseudónimo te inspirou uma novela. Ela vai ficar por certo desvanecida...

BEL, O PIRATA. — *Honolulu* é uma comédia muito engraçada e notavelmente bem feita. — Tem paciência, mas não acredito que tenhas achado *Mulheres* um filme maçado. Foste vê-lo, por certo, em dia de arroubo com a namorada, ou então depois dum jantar indigesto... Não sei se sabes, que a ementa do jantar tem uma influência decisiva sobre a apreciação dos espectáculos cinematográficos! — O facto de *Mulheres* ter mulheres a mais não me parece um defeito. Mas enfim, tu não gostaste, e estás no teu direito. Mas se um dia fores ver o filme com uma pessoa que te chame a atenção para a respectiva intenção satírica, para os símbolos da Humanidade que aquelas figuras representam, para o desempenho notável de todas elas, e para a espantosa realização de Cukor, então, amigo, serás o último dos eborenses, se não disseres: «Apre! Isto é cinema — e do bom!».

BOB TAYLOR. — Espero que os *Três Furacões* ressuscitem nas colunas de *Animatógrafo*, quais

mosquiteiros, batendo-se pela sua dama: a Sétima Arte. — Este leitor saúda, *Benjamina*, *Miss Século XX*, *Princesa dos Diabretes*, *Melita Sarreia Cabral*, *Maria Madalena*: deseja cartear-se com *Eterna Garota*; e pergunta a *Antinea* se o autoriza a continuar a corresponder-se com ela.

FOTOGÉNICA. — Eu sou como o cometa que há dias veio visitar a terra. Existo, mas ninguém me vê. Como seria possível, pois, descobrirem-me, na Redacção? — Com que então lamentas o argumento de *Pão Nosso*? Que o filme é mau: é um facto. E contra factos, não há argumentos...

CINDERELA. — Viva a *Gata Borralheira* desta Secção! Como poderia esquecer-te?! — Achei curiosas as impressões que me comunicas, do que se passava contigo anteriormente à aparição de *Animatógrafo*: «comprava a *Cena Muda*. Mas o que ficava a saber?! Nada, absolutamente nada!» *Animatógrafo* veio em boa-hora para preencher essa lacuna.

— O Robert Stack que deu no gôto às minhas leitoras. Já são tantas a falar-me nêle... É a minha vez de dizer: «Oh! boy!... Oh! boy!...» Não duvido, nem por um instante de que tenhas um perfil grego e uma compleição cem por cento americana. Desde que os Estados Unidos estão a auxiliar os gregos, a associação dessas duas características não é de estranhar... Ainda hei-de ver a *Venus de Milo*, em mármore, a dançar o *swing*...

FOTOGÉNICA. — Outra carta! Daqui a pouco, começam a dizer que faço batota! — «Sobre Cinema, nada tenho para te dizer. Dizes-me tu alguma coisa?»

JARY, O ESTRANGULADOR. — A minha saúde é excelente, mas muito arripiada com o frio que tem feito. — «Três perguntas de algebeiras», escreves, com o ar de quem diz: vamos lá arrelhar o «*Bel Tenebroso*»... Não, nessa não caio eu. Acredito lá que te interesse saber quem foram os intérpretes de *Desfile Tropical*, *Amor de lei* e *A Deusa da Floresta*... Ficarei a pensar muito mal do teu interesse pela Sétima Arte. Se são estes os problemas que te afligem ou as dúvidas que desejas ver aclaradas, palavra que não merece a pena manter uma secção como esta!

DURBINÓFILO. — Os protagonistas de *O Homem que eu matei*, de Lubitsch, foram Silvia Sidney e Philip Holmes. — Claudette Colbert tem 36 anos incompletos. — Deanna Durbin nasceu em Winnipeg, no Canadá. É inglesa, portanto. Mas deve estar naturalizada americana.

UMA ADMIRADORA DE TINO ROSSI. — Tenho igualmente uma grande satisfação em tornar a reler-te. — Inimigo de Tino Rossi, eu?! Não creias! Mas admiro mais a esposa, a lindíssima Mireille Ballin. — Não creio que vejamos esta época o filme argentino baseado na vida de Carlos Gardel. — Gostaste de *Mulheres*. Ainda bem. É incontestavelmente um bom filme.

BENJAMINA. — Faço votos por que lá tenha retomado a sua posição de assídua frequentadora do espectáculo da tela, o que equi-

vale a dizer que desejo o rápido restabelecimento da sua doente. — Quando passará por cá a *Lamour*? Não sei. No entanto, estou certo de que ela, se viesse a Lisboa, cantaria só para mim «*Moonlight and Shadows*», ainda que o céu estivesse negro e chovessem raios e coriscos... — Transmíto o seu comunicado: «*Benjamina agradece todas as solicitações de correspondência que tem recebido, por parte dos leitores. Mas está proibida pelos médicos de se cartear com outra pessoa que não seja eu — e isto atendendo às propriedades emolientes e rádio-activas das minhas missivas*». — A *Judy Garland* figura no número das minhas vedetas favoritas. Se não tivesse receio de escandalizar os Deannófilos, aqui lhe confessaria publicamente que a prefiro a Deanna Durbin. Até me esqueço do seu «*chiquant*» estrabismo...

TÍMIDO. — Transmíto a António Lopes Ribeiro o teu aplauso à ideia da mobilização da «*Velha Guarda*». — Como vês, cá estamos os dois, tu cá, tu lá, como tanto querias...

EU TENHO UMA FRANÇA. — Que pseudónimo tão extravagante, e tão paradoxal, no momento presente! — Os protagonistas de *Katie* foram Danielle Darrieux e John Loder. — *Judy Garland*: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Este leitor deseja corresponder-se com leitoras desta secção.

AMO UMA M. A. — Como sabes, só se podem formular três perguntas concretas em cada carta. Porisso, apenas te dou os nomes dos realizadores de três dos filmes da lista imensa que me envias. *Regresso ao lar*: Henry Deccin; *A Patrulha da Alvorada*: «*Howard Hawks: Não se fala noutra coisa*»; *John Ford*. — Não fiques zangada, mas a correspondência é tanta, que não posso, até a pôr em dia, deixar de observar a regra n.º 1, que rege as relações dos meus leitores com a minha pessoa...

DOIDO COM SORTE. — Gostei muito da quadra que inicia a tua carta: «*Ano Loy escrevi! Em Outubro um ano/LA foto não vi/Resposta não tenho*... O teu pseudónimo está justificado. Com quadras destas, há «*doídos*», que não têm a sorte de andar à solta... — Um estadista inglês que já morreu tinha esta máxima: «quando uma coisa não se resolve à primeira, tenta, tenta sempre, tenta mais uma vez... Torna, pois, a escrever à *Mvna Loy* para a *Metro Goldwyn Mayer Studios*, *Culver City, Califórnia*. — *Eterna Garota* está bem e, provavelmente, recomenda-se... É tudo quanto te posso dizer sobre a tua pessoa!»

DOIDO COM JUÍZO. — Quando recebi as tuas cartas, tanto a *Josephine Baker* como o *Jean Murat* se não encontravam lá em Paris. *Rasmeil*-as, pois, conforme me dizias. Podes escrever à primeira para o Teatro da Trindade. *Lisboa*, pois consta-me que ela ali se exhibe nos primeiros dias de Março. — Estou informado de que *Maria da Graça* vai brevemente começar a enviar as fo-

(Continua na página 16)

Uma grande vitória
da
SONORO
FILME!

«*O Monte dos
Vendavais*»

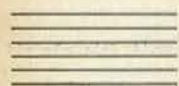
ganhou a TAÇA do
«ANIMATOGRÁFO»!

por ser considerado o melhor filme
estreado em Lisboa no ano de 1940



«**INTERMEZZO**» fica em 2.º lugar!

(Duas produções da UNITED ARTISTS)



Leslie Howard em «INTERMEZZO» e
Ralph Richardson em «QUATRO
PENAS BRANCAS» classificam-se entre
os melhores actores!



Edwige Feuillère em «FUI UMA
AVENTUREIRA» classifica-se entre as
melhores actrizes!



PANORÁMICA

Uma carta

Do sr. Jorge Guimarães Daupias, recebeu o Director do «Animatógrafo» a seguinte carta, que transcrevemos com o maior prazer:

Li com interesse o seu artigo no «Animatógrafo» de 27 de Janeiro p. p., de que só agora tive conhecimento.

Felicito-o e felicito-me pelo interesse que dedica à nossa lingua. Entendo que a correcta formação das palavras técnicas só se pode útilmente estabelecer pela colaboração dos técnicos e dos filólogos e aplaudo o seu propósito de colaborar nessa feitura.

Deixe-me dizer-lhe que se encontrou, com regozijo seu, no Vocabulário da Academia, as palavras que cita relativas à sua arte, é simplesmente porque eu as introduzi na 5.ª edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo, obra que dirigi e que saiu agora completa em fins de Dezembro p. p.. Dali foram extraídas. V. Ex.ª mostra que só conhece a 4.ª edição.

Notei, com desvanecimento, as suas indicações de palavras da arte cinematográfica ainda não averbadas, e aproveitá-las-ei em trabalhos que tenho actualmente entre mãos.

Com razão não figura no Vocabulário da Academia o termo cinéfilo. Registei-o no Cândido de Figueiredo bem como na Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, cujo dicionarista sou, por ser palavra que se usa e não porque a aprove, pois é vocábulo a meu ver mal formado. O philos grego deu em português um verdadeiro sufixo, que é ófilo. Assim o que gosta de icones é iconófilo e não iconéfilo, o que se regula com iscas será iscófilo e não iscáfilo, a menina que morre pelo cinema é cinemófila e não cinemáfila nem... cinéfila; correctamente falando seria cinófila. Acontece que a série de cinófilo e cinófilo já está ocupada com outro sentido e origem, que é o amor e desamor aos cães. Para evitar duplicação, inclino-me para cinemófilo, ou ainda cinematófilo.

Tem toda a razão quanto ao cinematografiar. Dei-xei-o no Novo Dicionário porque já lá estava, e a obra não é minha. Nem sei porque o registou Cândido de Figueiredo. Precipitação, sem dúvida, influenciada pelo francês cinématographier, que também contaminou o Vocabulário académico. Nós temos grafar e não grafiar.

Renovando-lhe o meu parabém pelo seu judicioso artigo, subscrevo-me com muita estima e consideração,

De V. etc.

JORGE GUIMARÃES DAUPIAS

Supomos ser um tanto ou quanto tarde para extirpar o cómodo «cinéfilo», embora o «cinemófilo» nos seja gratamente, e possamos fazer a tentativa de o introduzir. Mas creio que estamos a horas de correr com o «cinematografiar», que o nosso illustre correspondente atribui a francesia — o que não deixa de surpreender em Cândido de Figueiredo.

De facto, só possuímos a 4.ª edição do seu «Dicionário» e congratulamo-nos por saber que a 5.ª já contém todas as palavras que nos foi grato encontrar no «Vocabulário» da Academia.

Prometemos, aliás, tratar a fundo o problema, e já nos foi assegurada, para tão árdua mas tão necessária tarefa, a preciosa colaboração do sr. Prof. dr. Agostinho de Campos.

Uma conferência

A convite do Instituto Francês, António Lopes Ribeiro fez uma conferência na sede daquele organismo, na passada sexta-

Pequena história duma produção

Um novo filme português começou a sua carreira cinematográfica. O público acorreu a vê-lo, com aquela animadora curiosidade e aquele decidido interesse que tem manifestado por todos os filmes portugueses, sem excepção. Julgou-o como entendeu, disse o que lhe aprouve — e é esse o seu indiscutível direito, embora nem sempre use dêlo com justiça. A crítica apreciou-o ao sabor da sua disposição de momento, salientou qualidades ou defeitos, ocultou umas ou outras — e esse direito já é mais discutível ou, pelo menos, mais delicado de aplicar. «Animatógrafo» entregou a apreciação do novo filme aos seus quatro críticos habituais, distribuindo-a em capítulos que constituem, de certo modo, a «especialidade» de cada um dêles. Não informou previamente nem deformou posteriormente os resultados dessa análise qualitativa. Nem sequer os reuniu ou consultou. E congratula-se por ter verificado que dessa técnica inédita e atrevida não resultaram contradições nem repetições.

Mas alguma coisa faltou dizer àcerca de «Pôrto de Abrigo» que convém que seja dito, pelo magnífico exemplo de profissionalismo e de amor ao cinema que representa: as condições em que foi decidida e conduzida a sua produção.

A Lisboa-Filme dotou o nosso país dum laboratório cinematográfico que deve ser orgulho de todos nós, construído à custa do sacrifício pessoal dos seus sócios, que são também os seus técnicos, sem emitir acções nem prometer mundos e fundos. Fê-lo com a convicção do futuro que espera, «se todos quisermos com muita força», a cinematografia nacional. Não está arrependida, nem descoroçoada, pois sabe que conta com quem está disposto «a tudo» para que o sonho comum tenha a confirmação merecida.

Mas, em determinada altura, por descuido daqueles que, não se ocupando nem vivendo exclusivamente de cinema, deixavam amortecer perigosamente a cadência, já espaçada, da produção, viu-se na contingência de parar de trabalhar, deixando à boa vida as dezenas de empregados e operários que mantem permanentemente e a quem paga com rigorosa pontualidade. E, para que isso não sucedesse, resolveu produzir ela própria, num pequeno estúdio que improvisou, um filme feito de sua conta, com o seu próprio dinheiro, sem esmolar distribuidores nem exibidores, para que o seu laboratório e o seu pessoal continuassem a ter trabalho e o cinema nacional continuasse também. Contratou técnicos e artistas, deu trabalho a muita gente que o não tinha e não ficou a dever nada a ninguém.

Tal atitude parece-nos tão digna e tão respeitável, que dificilmente acreditamos no que nos dizem: que alguns profissionais de cinema, esquecendo as tranças dos próprios olhos, vêem argueiros nos olhos dos que fizeram o que eles, em idênticas circunstâncias, não eram, com certeza, capazes de fazer. E que se deleitam com piadas fáceis, e exageram insuficiências, e se congratulam com o que deveria entristecê-los, como a nós.

Não acreditamos. Recusamo-nos a acreditar!

Porque, se de facto é assim, não serão esses os que merecem que exista um dia alguma coisa a que possa chamar-se Cinema Português.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

-feira, subordinada ao tema «O Cinema Português e os seus problemas».

O nosso director expôs e comentou alguns dos temas que lhe são mais caros e que mais o preocupam, chegando às seguintes conclusões:

1.ª — Que não é possível haver uma arte cinematográfica portuguesa sem que se crie uma indústria cinematográfica nacional.

2.ª — Que só da continuidade dessa indústria pode resultar um aperfeiçoamento sensível na qualidade artística dos nossos filmes.

3.ª — Que o «tema cinematográfico» é o elemento fundamental dum filme.

4.ª — Que os realizadores portugueses devem enquadrar-se rigorosamente dentro de temas especificamente nacionais, por serem decerto esses os que eles melhor podem sentir e fazer sentir.

E para demonstrar a variedade de fontes de inspiração que Portugal oferece ao cinema sem sair sequer da rusticidade, fez projectar no final da palestra o filme «A Aldeia mais Portuguesa de Portugal», que considera um verdadeiro repertório de temas à disposição dos nossos realizadores.

A assistência seguiu o mais vivo interesse o conferente, que o sr. Raymond

Warnier apresentou com palavras de grande gentilha.

Um lapso

Por simples lapso de revisão não saíram as iniciais de Domingos Mascarenhas na parte que lhe coube da apreciação do filme português «Pôrto de Abrigo» publicada no nosso último número: o Argumento e a Planificação.

Aqui fica o resgate, para que tudo o que nestas páginas se publica tenha autor a quem deva ser atribuído.

A taça

A lindíssima Taça do «Animatógrafo», cuja fotografia publicamos na página 6, foi cinzelada, segundo o projecto de António Soares que demos num dos números anteriores, nas oficinas da firma «Pratas de Arte», da Rua da Misericórdia.

É uma obra que honra os cinzeladores portugueses e o nosso amigo Augusto Luiz de Sousa, filho dum dos mestres-lavrantes dessa magnífica indústria, em que Portugal figura à cabeça de todas as nações.

A Taça será exposta numa das montras daquela casa antes de ser entregue ao seu detentor.

A PÁGINA DOS NOVOS

O PROBLEMA DA UNIÃO DO CINEMA LATINO

Este nosso artigo hoje foi-nos sugerido pela leitura de um dos últimos números do «Animatógrafo», em que tanto se fala — e com oportunidade e visão — da União do Cinema Latino.

Positivamente, essa campanha feliz de António Lopes Ribeiro vem no momento oportuno e todo o cinéfilo cónscio do seu papel lhe dará o incondicional apoio.

O cinema português, muito em especial, só teria a lucrar com tal empreendimento, desde que ele se venha a tornar numa realidade. E disso estou convicto, porque a tenacidade e o prestígio de Lopes Ribeiro, é sempre uma garantia de êxito.

Confiamos pois, na realização da União do Cinema Latino, e nos seus resultados práticos. Independentemente disso porém, ousa chamar a luz da discussão um outro

problema, que reputo de grande interesse para a cinematografia nacional: O intercâmbio luso-brasileiro.

Embora realizadores portugueses tenham já trabalho firmado em terras brasileiras; embora iniciativas particulares nos tenham dado já a certeza de que o Brasil e Portugal podem ser dois excelentes países produtores — a verdade é que o cinema dos dois países irmãos vive muito afastado um do outro.

Na sétima arte, como em tantas outras manifestações da vida, o Brasil vive separado de Portugal, como se o Oceano fosse bastante para assim nos isolar, a nós, que falamos a mesma língua e nos queremos como irmãos que de facto somos!

O mar não é razão para que as coisas de Portugal andem tão desconhecidas no Brasil, e vice-versa.

E o mar não é razão para tal, porque com 1500, um português glorioso, sem possuir os meios vantajosos que a civilização nos oferece hoje, soube rasgar o negrume da incerteza e escrever o primeiro traço de união entre as duas nações amigas.

Portanto, seria de todo o interesse que o «Animatógrafo» iniciasse uma campanha séria em prol do intercâmbio luso-brasileiro, a qual, estou certo, encontraria franco acolhimento por parte dos «fans das terras de Santa Cruz.

Favorecidos pelo facto de falarem a mesma língua, brasileiros e portugueses — dois campos de actividade vasta, que ainda não deram mais do que uma pequena parcela do seu rendimento — podem, numa conjugação de esforços, garantir em absoluto a sua produção, e fazer mesmo «barreira» à influência de outros mercados.

Compete pois às publicações cinematográficas dos dois países lançar as bases para tal iniciativa, altamente salutar.

Animatógrafo, em Portugal; «Cinearte», Scena mudas e outras, no Brasil, podem, na verdade, contribuir eficazmente para que o intercâmbio seja uma realidade dentro de breve tempo.

De mais, alguns filmes portugueses conquistaram já o público brasileiro, e este tem dado provas que se interessa pelo nosso cinema. E desde que é assim, parece-nos que a semente deve ser lançada à terra porque esta já tem o adubo suficiente.

De braços cruzados, numa atitude de não teres — e o cinema dos dois países nunca passará de sonhos de verão de meia dúzia de «carolinas».

Amigos brasileiros: Trabalhemos pelo nosso intercâmbio cinematográfico, conscientes das nossas possibilidades — que são muito mais vastas que a princípio se pode supor!

EDUARDO SOARES

RUBEN CONSTANTINO

LORETTA YOUNG vai casar!

Loretta Young vai casar!... Com 27 anos, não podia «ximir-se à influência do meio em que vivia e, se tanto resistiu, foi por um grande desgosto, uma enorme desilusão a oprimir.

Cada filme que juntava aos já bastantes da sua carreira, cada novo êxito a compensar-lhe o esforço dispendido, alcançavam nela apenas um banal sorriso, como se tudo lhe fosse indiferente, como se o seu pensamento andasse muito longe, a deambular pelas regiões dos sonhos.

Dois ambições — só duas! — animaram sempre a vida de Loretta. Radiante, deixou-se mirar pelas câmaras da «Fox» quando a viram pela primeira vez; era o início da realização das suas aspirações.

Mas os anos foram rolando, a esperança foi-se apagando, a jovialidade com que todos os dias penetrava nos estúdios foi-se diluindo.

Casou-se; era uma criança ainda — 18 anos devaneadores, ávidos de ventura. Mas também aí, o desengano a esperava. Grant Withers não soube estimar a mulher que era Loretta nem dar-lhe o que a sua alma veementemente cobijava e o divórcio impôs-se, divórcio a que ninguém prestou atenção de maior, em que ninguém compreendeu nem descobriu a tragédia daquele coraçãozinho.

Pinada toda a ilusão, a vida para Loretta perdeu todo o interesse. Não mais um sorriso lhe iluminou o rosto, lhe despontou na comisura dos lábios. Era uma mulher que renunciava à felicidade e se submetia, sem um queixume, à tirania do destino.

Mas Loretta era bonita, com os seus grandes olhos sonhadores, beirados de longos cílios, as suas faces de linhas duras mas correctas, com os seus lindos e compridos cabelos negros.

Envolta na sua melancolia, não passava despercebida aos olhos masculinos de Hollywood.

Porém, todos respeitavam a sua grande dor oculta; Loretta era quase uma sombra de si própria. Realizadores, artistas, técnicos, todos se surpreendiam com a mudança enorme e rápida de Loretta, quando à realidade sobrepunha a máscara da fantasia.

Era a antiga Loretta que renascia, quando a luz dos potentes projectores banhava o seu corpo elegante.

Foi talvez, por isso que Tyrone Power, habituado a ver em Loretta uma indiferença tão grande pela existência, a estranhou em «Suez» e tentou penetrar no mistério daquela alma, esboçando um «flirt».

E a pobre Loretta, sentiu despertar em si, de novo a esperança, a possibilidade de ter um pouco de ventura.

Tyrone abandonou-a, é verdade; mas no seu coração, inerte há muito, ressuscitou o desejo de ser feliz.

E assim, Loretta vai casar pela segunda vez.

Que lhe reservará o futuro? A felicidade que merece?!

Ele se encarregará de vo-lo mostrar.

Daqui vão os nossos sinceros votos de que, um dos magnates da «20th Century Fox» se lembre de realizar um filme sobre a figura quasi lendária de «Joana d'Arc», entregando a Loretta, a protagonista e Tom Lewis lhe dê o filho a que tanto aspira — as duas únicas e modestas ambições de Loretta Loung como artista e como mulher.

CONDE MISTERIOSO

HINO AO CINEMA

Numa época melhor em que, embalados pelo optimismo, venhamos a viver, e até mesmo na que vivemos actualmente, não será o Cinema remédio para muitos males, solução para alguns problemas, lenitivo para bastantes dores?

O Cinema é um mundo novo que dulcificou e rejuvenesceu um mundo velho.

O Cinema penetra em todas as almas, até mesmo naquelas que são refractárias à sensibilidade artística e sentimental.

O Cinema opera verdadeiros milagres, como os da ressurreição dos homens e os da retrospectão das épocas.

O Cinema é a imagem da vida, o espelho da realidade; mas até às vezes, quando no cinema só há fantasia, essa fantasia torna a realidade menos insana.

No Cinema predomina uma trindade solidária e indissolúvel: — a cadência do movimento, o ritmo do som e a magnificência da cor.

O Cinema é como um sexto sentido do Homem que suplanta os seus cinco sentidos.

O Cinema é também a vida que não morre, que se não corrompe, é a alma divinamente materializada.

O Cinema, enquanto actua o encantamento da sua magia sublime (e até mesmo depois) arranca-nos à aridez da realidade e transporta-nos à sumptuosa multiplicidade da fantasia.

O Cinema é o meu drama, a tua tragédia, a comédia daquele — é a tragicomédia da vida que desfila diante dos nossos olhos, impressiona as nossas almas, sacode os nossos corações e perturba os nossos cérebros.

Tornemos o nosso Cinema também Grande. Auxiliemo-lo em tudo que esteja ao nosso alcance.

CORREIO DOS NOVOS

MANECAS — O seu artigo é um bocadinho exagerado, e repisa um assunto que muitos outros têm tratado. Há que procurar ideias originais.

ANOTADOR DE IMAGENS — O seu artigo é bom e vai ser publicado.

OUBLI — As suas notas sobre Leslie Howard não trazem qualquer novidade.

PAR INVISIVEL — Bom, o artigo contra o intervalo a meio das fitas. Andem-me com ele!

LOURENÇO OLIVEIRA — Dum modo geral, não nos interessam muito os artigos sobre os artistas de cinema que se limitam a elogiar-los e a resumir a sua biografia.

DUARTE MARVEL — Bravo, pela sua sanha contra os malditos intervalos a meio dos filmes! «Animatógrafo» ainda

não disse a última palavra a tal respeito, e há-de acabar com eles, custe o que custar. O seu artigo será, portanto, publicado, embora com retoques.

JERÓNIMO — O último artigo que mandou é inferior aos anteriores. Além disso, insurgem-se contra filmes portugueses que não merecem os seus improperios. Não conte com a sua publicação.

XANDA — Não foi para evitar a «concorrência», como diz, entre os nossos leitores e o camarada Lemos que recusamos o seu desenho. Recusamo-lo por ser fraco como desenho, embora revele imaginação, que merece aproveitamento da sua parte, contanto que aprenda a desenhar melhor. Espero que tenha, agora, percebido. E não tem nada que agradecer.

RETARDADOR

CINEMA PORTUGUÊS

NÃO O HÁ BELA SEM SENÃO

As linhas que seguem vão, sem dúvida, desagradar àquela rapariga bonita que está à espera dum apresentação para entrar num filme, mas terão certamente o aplauso daquela rapariga feia que perdeu a esperança de trabalhar num estúdio.

Se perguntássemos a um poeta lírico a sua opinião sobre a rapariga bonita, ele diria que Venus ficaria destronada e que a verdadeira beleza — aquela que os seus versos cantam numa ascese insatisfeita — estava ali, oculta e humilde, porém merecedora de ser imortalizada pela Arte e que, dentre todas, o Cinema seria a mais digna de a universalizar.

Se perguntássemos a um filósofo a sua opinião, dir-nos-ia que entre a Beleza e a Glória há um abismo e que a primeira é transitória, tem a vida curta dum filme e, por esse facto, devia ser cantada apenas pelo Cinema.

Se perguntássemos a um cinéfilo, responderia que entre a jovem bela e a rapariga feia, não haveria hesitação: escolher-se-ia a primeira, porque as plateias querem ver rostos bonitos e engraçados e não vulgaridades com que esbarramos a toda a hora na rua.

Se nos perguntassem, a nós, qual das duas raparigas merecia fazer cinema, também não hesitaríamos, porém a nossa decisão seria oposta à do poeta, à do filósofo e à do cinéfilo. Escolheríamos a feia e — creiam — o público veria com facilidade que a razão estava do nosso lado.

★

Não é preciso conhecer arte, nem psicologia, nem caracteres, nem encenação, nem técnica cinematográfica, para se saber que a beleza exterior não passa na generalidade, dum ilusão, dum máscara por detrás da qual nada existe.

O vulgar e mais comecinho conhecimento da vida revela-nos que nem sempre a beleza tem como sinónimo as palavras inteligência e talento.

A mulher feia — com perdão das senhoras bonitas — possui, por dádiva da natureza, um dom especial: uma personalidade nítida — galardão divino que contrabalança a sua menor perfeição física.

Muitas mulheres cujo nome ficou gravado, a letras de oiro, na História e cujas effigies estão immortalizadas em quadros e esculturas célebres, não tinham beleza.

E nós, ao assistirmos à projecção dum filme, se analisarmos bem o rosto das vedetas, verificaremos que poucas, bem poucas, são, de facto, lindas. A maquiagem, o penteado, a luz e a fotografia é que nos dão a sensação de beleza que o público requer. Assim acontece a Greta Garbo, a Ingrid Bergmann, a Lily Pons, a Judy Garland.

In illo tempore, quando as ima-

Uma opinião pessoal à cerca do problema da escolha de vedetas

gens não falavam, as artistas podiam ser, na verdade, apenas belas. Hoje, isso não basta: precisamos de ter personalidade, temperamento «chama sagrada» que transforma uma mulher e uma actriz num génio da cena.

★

No cinema português tem há vida — entre outras, claro está — duas pretensões de que discordamos: escolher galãs em rapazes de trinta anos que, na tela, aparentam não passar dos vinte, e seleccionar (oxalá ninguém se melindre!) raparigas bonitas.

Não cometemos a indelicadeza de citar nomes — o que, aliás, não interessa — mas muitas estrelinhas do nosso cinema têm feito ver muitas estrelas ao nosso público... apenas pelo facto de serem lindas... E tão lindas!..

Há falta de vida, ou falta de conhecimento de vida, no nosso cinema?

Porque se escolhem rapazes de pouca barba e sem o saber de experiência feito para papéis de galã, quando estes, para o serem, de facto, só o podem ser por volta dos quarenta? Como convencer uma plateia com amores serenos interpretados por jovens tímidos, sem à-vontade?

Como dar um papel vibrante a uma menina (das chamadas filhas-família) que só conhece o cinema pelo prisma romântico e que não tem alma para dar à arte que lhe exige, não devaneio, mas sacrifício?

Impossível!

O bonitinho é, antítese da Arte! E esta, convençam-se — vem sempre de baixo para cima; raras vezes de cima para baixo

★

Significa isto que a Arte vem do povo e no povo devemos procurar os verdadeiros talentos?

Passemos em revista o mundo do cinema. Onde vieram Greta Garbo, Joan Crawford, Ginger Rogers? Do povo.

Onde vieram Lucinda e Ângela Pinto? Do povo.

Não esqueçamos, porém, as excepções, que só contam como excepções: Elissa Landi veio da aristocracia e Rina de Ligrov também da aristocracia... Mas não é, de facto, essa a ordem natural das coisas.

Wilde foi um esteta, mas surgiu de cima, e não teve — talvez por isso — a profundidade humana e dolorosa de Dostoiévsky, que nasceu do povo.

Decerto é agradável sabermos

a quem endereçamos os nossos aplausos quando nos agrada a figura que se agita na tela. Mas, artisticamente, nada se ganha com o critério havido na selecção. A Arte só respeita o artista — venha ele donde vier.

A Arte exige, portanto o nosso maior respeito.

★

A rapariga feia que perdeu a esperança de trabalhar num estúdio de cinema, diremos que não desanime.

Há quem ame e venere a Arte; não deseroço, portanto.

Pretendemos acaso dizer que a rapariga feia é a que tem condições e a rapariga bonita pode perder as esperanças de ser vedeta?

Entendamo-nos, por favor A rapariga feia... — Com licença. Vai a passar, na rua, uma rapariga bonita, tão bonita que justifica esta interrupção. Seguimo-la — com o olhar apenas, do alto da janela. E ficámos a pensar, convictamente:

— Ela é tão linda, tão linda, que bem merece que a aproveitem para o cinema...

MOTA DA COSTA

VER
OUVIR... E FALAR

Sempre tive para mim que as «incompreensões ilegítimas» do público não merecem defesa. E nada me fará deserer dos motivos que tenho para pensar assim. Quando as suas reacções de agrado ou desagrado são injustas e injustificadas — ilegítimas, em suma — dá-me vontade de cair em cima d'ele e malhar como em centeio verde, de me atirar a ele que nem Santiago aos mouros. Isto porém não quer dizer que o público não me mereça desde há muito especial ternura.

O público às vezes tem as suas razões. Muitas manifestações de desagrado ou mesmo só de indiferença por certos filmes, embora à primeira vista pareçam tudo quanto há de mais injusto, são afinal, se analisarmos melhor, absolutamente «legítimas». E por reconhecermos essa legitimidade é que o vimos defender.

E veremos depois como essa atitude, desde que lhe procuremos as causas e as razões, envolve uma lição — uma lição a aproveitar.

Já não é a primeira vez que

se atribua ao público uma antipatia declarada pelas filhas nacionais com histórias de saloios, fatos à moda do Minho e outras coisas no género. Isso mesmo tem feito com que os nossos homens de cinema andem por vezes às aranhas sem saber o que fazer. Todavia sofrem porque ainda não compreenderam bem as coisas. O público não detesta nada. Não há mesmo memória de qualquer desses filmes portugueses com saloios, romarias, arraiais, ter tido um entêro de primeira classe, depois de uma associadela valente ou de uma pateada de estalo.

O fenómeno é só este: o público quer acima de tudo nos nossos filmes os «nossos» ambientes. Afirmar-se o contrário é pura paisagem. Gosta de se «sentir em casa». E até se entusiasma a valer com saloios, romarias e arraiais — sempre que esses elementos lhe sugiram interesse e constituam história agradável e clara. Portanto, o que podemos dizer é que nos filmes portugueses o ambiente não pode deixar de ser português.

Quando o filme nacional toma aspectos de estrangeiro o próprio público sente-se com o direito de ter exigências.

Poderíamos apresentar casos típicos. Achamos, porém, preferível não fazer isso. E melhor acentuar mais uma vez que nos nossos filmes não pode deixar de haver um pouco de ternura portuguesa, um bom bocado de «ganha» nacional. Vestir os nossos filmes com figurinos estrangeiros? Seria possível, mas com cuidado.

Não tenham ilusões. O público acha muito mais graça «sentir-se em casa», entre os tateios com que foi criado, num meio definido e conhecido do que em meios que não «sentes», nem «compreendes» — mesmo quando lhe surgem excelentes filmes estrangeiros. Muito pior se eles forem improvisados entre nós. E nesse caso, não é possível culpar a apreçoada incompreensão do público. Há incompreensão sim — mas legítima. E a conclusão lógica só pode ser esta: é preciso que o nosso cinema pense em português, fale em português, sinta em português.

Fiquem-se, portanto, nos saloios, nas romarias, nos arraiais — e aprendam antes a contar uma história com clareza, com nitidez, procurando interessar o público com figuras que digam alguma coisa e que tenham alguma coisa para dizer...

AUGUSTO FRAGA

CINEMA DE AMADORES

Elogio do Colorido

Sou bastante impressionável. Posso porém a faculdade de não me deixar arrastar pela primeira impressão, por mais poderosa que ela seja. Penso e considero: valerá a pena interessar-me por isto, apenas porque me impressionou profundamente? Aceito desde logo a decisão tomada pelo meu exame de consciência, do que aliás nunca me arrependi.

Luto então, quando tenho de lutar, contra todos, em defesa do meu ideal, e luto muitas vezes sem necessidade de falar. Diz-se, que quem cala consente. Garanto que quem se cala vence quasi sempre, e isto sem ser cabotinismo representa apenas uma manifestação pessoal.

Veio tudo isto, o que não é natural em mim, a propósito duma manifestação artística de que muito se tem falado e escrito e que me impressionou profunda e agradavelmente.

O colorido no cinema!

A côr que nos prende, extasiados perante qualquer prespectiva, apenas porque nela há as mais diversas tonalidades, desde o negro profundo ao nêvo e esplendoroso branco, venceu e convenceu no cinema de amadores.

Não me arrojo ao descêdo de pretender fazer afirmações mais ou menos proféticas sobre o colorido. Tanto não está em mim.

Limito-me apenas, e para tal solicito do leitor a devida premissão, a elogiar sincera e abertamente o regalo visual que o colorido nos oferece.

Ser-me-ia mais fácil, talvez, elogiar esta modalidade do cinema duma maneira mais clara, mais directa e concisa, mas confesso, era-me desagradável e atrevo-me a perguntar: Quando se tem amor por alguém será possível que ao dedicar-lhe as nossas primeiras palavras o façamos sem uma pontinha de sentimentalismo, se é que isto seja sentimentalismo? Não!

E eu, que sou sonhador, que adoro o cinema e que me apaixonei pela côr, seria

capaz de escrever sobre ela sem me deixar levar pelo sentimentalismo?

Mas abandonemos por instantes estas sonhadoras divagações e tomemos o espirito de qualquer materialista, porque a forma já a possuímos, para mal dos nossos pecados.

O materialíssimo estômago já está devidamente satisfeito, lancemos um olhar sobre o jornal e resolvamos ir ao cinema.

Entremos e consideremos: Aqui ao menos descança-se um pouco e sempre se distrai o espirito.

Oh diabo! De tão materialistas que somos, esquecemos que possuímos espirito, mas já que o despertámos deixemo-lo divertir-se.

Por acaso o espectáculo é colorido.

E sem darmos por tal, sem sabermos porquê, sentimos dentro de nós, não a digestão do opiparo manjar, mas uma sensação de encandeamento. Somos como a borboleta que baila à roda da luz.

O encandeamento é mais intenso.

Bailamos na côr. O amarelo, o verde, o azul, o rosa. Um arco iris, uma sinfonia de côres.

Não seguimos a história, ela não nos interessa.

Observamos o azul do céu, o verde dos campos, o vermelho das papoulas, o rosado da face da mulher, o negro dos seus cabelos e o escarlate dos lábios dela.

A indumentária, os cenários, todos os pormenores têm para nós um encanto especial e a saída já somos sonhadores. Já somos adoradores da côr.

E isto porquê?

É que a côr é o complemento indispensável do espectáculo cinematográfico. Não a côr pálida e desbotada que por vezes a natureza se permite patentear-nos, não a côr macerada dos enfermos e dos dias pardos dum inverno sem graça mas sim a côr de certos aspectos que nem sempre podemos ver e que só o cinema nos pode dar. Honra a êle por tão riquíssimo presente.

JOAO MENDES

TÍTULOS ILUSTRADOS



«HEROI DE ONTEM»



O famoso realizador Lyton Bar vai produzir um novo filme. A acção passa-se entre pescadores e o argumento é do célebre escritor Alfred Curtiz, que já em tempos fez uma peça toda marítima. Lyton Bar mandou já adaptar a Nau, que em tempos mandou construir, a barco de pesca.

—O não menos célebre realizador Armand Myr Andy, entusiasmado com o êxito do seu primeiro filme «Our Bread», vai produzir outra fita que também serve para comer. A principal personagem é, pode dizer-se, o Atum e o filme desenrola-se desde o momento do protagonista ser pescado até entrar nas latas. Para um dos principais papéis vai ser convidado o Poeta Sevilha, que fará, com barbas e tudo, de Atum Tenório. A actividade nos «Unique Studios» vai ser grande e como se vão realizar dois filmes de assuntos marítimos o director de produção já mandou comprar seis alquidares mas de zinco, para não se partirem.

—Tem sido enorme a actividade linguística desenvolvida nas últimas semanas nos estúdios da Paladium Pictures. Os realizadores da Mesa n.º 4 consideram-se todos superiores aos planificadores da Mesa n.º 17. Os operadores da Mesa n.º 5 estão muito ofendidos com o facto de haver quem filme bastante melhor que êles. E os produtores da Mesa n.º 31 não levam à paciência que haja quem possa apresentar um filme ao público sem recorrer aos seus bons officios e sem precisar de seis meses de filmagem.

HOMEM SOMBRA

ACTIVIDADE

★ Devem iniciar-se brevemente no Ateneu oComercial de Lisboa, as filmagens de um documentário romancado cuja acção gira à volta da patinagem artística e que será dirigido pelo amador Jorge Rocha.



Especialistas em aparelhos e todos os acessórios para cinema de amadores. Envia-mos catálogos.

Pathé-Baby Portugal, L. da
R 56o Nicolau, 22. Sta. Catarina, 315 LISBOA PORTO

Parece que uma portuguesa foi contratada para Hollywood

O nosso camarada BEL TENEBROSO deu-nos parte do seguinte postal que, com a devida vénia, passamos a transcrever:

«Coimbra, 2 de Fevereiro de 1941.

Amigo Bel Tenebroso:

Acabo de saber aqui uma estupenda noticia: uma rapariga de Coimbra, Julieta Casanova, que hoje tem 21 anos, (mais dois do que eu) e com quem brinquei em miúdo, e que tinha partido para a América há dez meses, acaba de arranjar um contrato em Hollywood, segundo me comunica a família, que, no entanto, não sabe pormenores. Ela é muitíssimo bonita e fala muito bem o inglês. Gostaria que, no caso

de saberes ou se vieses a saber qualquer coisa, me disseses no «Correio». Ela prometeu escrever à família dentro em breve, e assim que o fizer peço-lhe que mande novidades para cá e eu logo as comunicarei ao «Animatógrafo».

Um abraço de

«I LOVE YOU, HELEN»

Publicamos esta noticia sob reservas. No entanto, perguntamos: que lhes parece? Depois da popularidade de Maria Domingas em Hollywood e de Beatriz Costa em Hawai, uma portuguesa contratada para a capital do cinema!

Por este caminho, daqui a dois dias os produtores de todo o mundo só pensam em Portugal!

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

ROBERT TAYLOR VAI SER O NOVO

«BILLIE THE KID» que BORZAGE dirige

«Billie the Kid», que King Vidor dirigiu para a Metro Goldwyn Mayer em 1930, é que John Mac Brown e Wallace Beery interpretaram com um realismo e uma fuga prodigiosas, deve ficar no Cinema como a obra prima da violência, de bravura, de ferocidade, espectáculo admirável de brutal vigor, como jámais o Cinema nos deu. Basta recordar a espantosa e inolvidável seqüência final em que os dois contendores, implacavelmente, se exterminavam à bala, numa luta sem tréguas e sem quartel.

Pois «Billie the Kid» vai ser realizado pela segunda vez, também para aquela mesma empresa, agora em Technicolor, tendo por realizador Frank Borzage e por intérpretes Robert Taylor e

Brian Donlevy, nos papéis criados por John Mac Brown e Wallace Beery na primeira versão, rodeados ainda por Ian Hunter, Gene Lockhart, Mary Howard, Lon Chaney J.º, Henry O'Neil e Cy Kendall.

«O Vingador», era este o seu título em português, devido à incompreensão e aos preconceitos tolos dos exhibidores foi estreado no Olímpia, tal como sucedera já a esse espantoso «Bowery», a «Sombras», aos «Mestres Cantores», «Chapéu de Palha de Itália» e «Nas Garras do Vento», dois dos melhores filmes mudos de Clair, isto sem falar nesse maravilhoso «Pedro o Voador» que só no écran modesto, mas cinéfilo, do Salão Ideal, do Loreto, encontrou guarida!...

Filme de excepcionais qualidades, como acima se disse, «Billie the Kid», vai ser adaptado à tela com cuidados especiais para que não só não desmereça do valor do seu antecessor mas também o possa suplantiar com méritos próprios. Frank Borzage, cuja competência não necessita de encômios, promete fazer obra séria e de promete fazer obra séria e de bom quilate. Por outro lado, a interpretação, que reúne um núcleo de excelentes artistas, pode enfrentar as responsabilidades do filme que se prepara Robert Taylor e Brian Donlevy não mostram receio de confrontos: os artistas de hoje são tão diferentes dos artistas de ontem! O papel mais perigoso parece ser o de Donlevy, que o público irá pôr em paralelo com a interpretação de Wallace Beery e analisar detidamente.

Como tudo demonstra, «Billie the Kid» está destinado a ser um acontecimento.

UM NOVO FILME DA CÉLEBRE SÉRIE DA «Família Hardy»

Iniciaram-se os trabalhos de filmagem da nova fita da série famosa da Família Hardy, que Mickey Rooney popularizou.

O novo filme intitula-se *Andy Hardy's Private Secretary*. — Mickey já se permite possuir um secretário particular... — e nele aparecerá toda a família: Ann Rutherford, Lewis Stone, Fay Holden, Sara Haden e um novo elemento, a pequenina Patricia Ann Baldwin, filha da simpática Cecilia Parker, que aos três meses, fez a sua estreia no cinema...

George Seitz, que à excepção dos dois últimos filmes da «Família Hardy» dirigiu toda a série, é de novo o realizador da «Secretária Particular de Andy Hardy».

COISAS INDISCRETAS

MYRNA LOY já não é a esposa de Arthur Hornblow

Se havia em Hollywood casal mais considerado, mais feliz, mais unido, esse era sem dúvida o dos Hornblow — Myrna Loy e Arthur Hornblow — ela uma mulher que trocara a vida boémia de outrora pela quietude dum lar encantador, ele um produtor de categoria, que vira o nome da mulher alcandorar-se ao mais alto degrau de glórias e de popularidade.

Pois bem. Esse casamento, que durava desde 1936 — um verda-

deiro «record» na vida conjugal de Hollywood — terminou. Myrna, inesperadamente, ante o espanto de toda a gente acaba de pedir o divórcio. Ignoram-se as razões que a levaram a uma tal resolução, tanto mais que Hornblow continua a tecer à sua insinuante ex-esposa, os mais simpáticos elogios...

Depois de Claudette Colbert-Joel Pressman e de Myrna Loy-Arthur Hornblow, qual será o casal que se segue?...

Mais divórcios

● Mischa Auer, depois de seis anos de matrimónio com Norma Tillmann, divorciou-se, para casar com Barbara Ellist.

● Depois de quatro anos de feliz casamento, a linda Gail Patrick pediu, em Reno, o divórcio de Bob Cobb, proprietário dos famosos restaurantes de Hollywood, os Brown Derby.

● Maureen O'Hara, a Esmeralda de «Nossa Senhora de Paris», divorciou-se do seu compatriota George Brown. Prepara-se para, em breve, se casar com John Shelton, um actor de segunda categoria.

● A bailarina Zorina pediu o divórcio do mestre de baile George Balanchine, que ela conhecera quando este dirigia os bailados de «Revista de Goldwyn». Tinham casado em 1938.

● Depois de quatro divórcios, Constance Bennett, fiel aos seus propósitos, pediu outro, mais uma vez. O marido era o Marquês Henri de la Falaise de la

Condraye, que fôra para Hollywood como marido de Gloria Swanson e que agora se encontrava em França. Constance vai casar com o seu inseparável Gilbert Rolland.

OS ÚLTIMOS ROMANCES

● Tony Martin, ex-marido de Alice Faye, e Lana Turner, ex-mulher de Artie Shaw, apparecem constantemente um com o outro, por toda a parte.

● Robert Stack, o homem que primeiro beijou, no cinema, Deanna Durbin, em «O Primeiro amor de Gata Borrallheira», arda doídhino pela bellissima Mary Beth Hughes.

● O mesmo acontece com a elegante e tentadora Betty Grable, que se desinteressou do conde Cassini, para só pensar em Victor Mature, o novo galã, que vimos em «Doídos à solta» e vamos ver em «1.000 anos antes de Cristo».

● Faça-se muito no romance

Rosalind Russel e Fred Brisson. O último apaixonado sério de Rosy foi James Stewart, antes dele conhecer Olivia de Havilland.

● Garson Kanin e Katharine Hepburn estão pelo beicinho, falando-se até em próximo casamento. No entanto parece que a família de Kathy, com pretensões aristocráticas, não simpatiza muito com o caso. Katherine deve ser pessoa para se preocupar imenso com isso...

● Outro realizador apaixonado é Fritz Lang. A dona dos seus amores é a insinuante Kay Francis. William Gaston, John Mechan, Dwight Francis e Kenneth Mac Kenna foram os seus anteriores maridos. Fritz Lang está divorciado de Thea von Harbon, que é actualmente fotógrafa da UFA.

● Sylvia Sidney — que foi a primeira grande paixão de Fritz Lang logo que este chegou à América — depois de se ter divorciado do actor Luther Adler, com quem casara em 1938, é agora a companheira inseparável de Franchot Tone.

● Marlene Dietrich continua fiel a Eric Maria Remarque, o homem de «Nada de Novo na Frente Ocidental».

● George Brent, uma das paixões sérias de Greta Garbo — quando da viagem desta à Europa, com Stokowsky, todas as semanas se falavam telefonicamente — depois de se ter desinteressado de Bette Davis só é agora a esbelta e perturbante Ann Sheridan. Para quando o casamento de Miss Oomph?

● Lew Ayres, o segundo marido de Ginger Rogers, anda apaixonadíssimo por Tina Thayer, a última grande descoberta de Frank Capra. O seu divórcio de Ginger deve ser pronunciado em Março.

● Freddie Bartholomew e Ann Gilles, a Becky de «Aventuras de

Tom Sawyers», andam perdidos de amor.

E agora umas notícias dedicadas especialmente aos nossos redactores F. F., D. M., F. G. e F. R. (Vidê o número do Natal):

● Greg Bautzer, delegado do ministério público nos tribunais de Los Angeles, deve-se casar muito em breve com Dorothy Lamour.

● Ginger Rogers depois de se desinteressar do desenhador de modas Walter Plunkett e do milionário Howard Hughes, tem agora os olhos postos no famoso operador John Arnold.

● Bette Davis, como resposta à atitude de George Brent, apparece constantemente com Herman Nelson, um rapaz muito mais novo que ela.

● O romance de Eleanor Powell e o professor da Universidade de Los Angeles, Merrill Pyl, já deu o que tinha a dar.

FITAS NA FORJA

● *FLIGHT FROM DESTINY* com Geraldine Fitzgerald, Thomas Mitchell, Jeffrey Lynn, James Stephenson, Mona Maris, Johnathan Hale e David Bruce. Realização de Vincent Sherman. Warner Bros. (S. I. F.).

● *ROAD TO ZANZIBAR*, com Bing Crosby, Bob Hope e Dorothy Lamour. Realização de Victor Schertzinger. Paramount.

● *HER FIRST ROMANCE*, com Edith Felloes, Wilbur Evans, Jacqueline Wells, Alan Ladd, Judith Linden, Roger Daniel e Marion Kerby. Realização de Edward Dmytryk. Monogram.

Assinem o
«ANIMATÓGRAFO»

«PIGMALEÃO»

O GRANDE EXCLUSIVO DA NACIONAL FILMES

foi distinguido no Concurso de 1940
com as seguintes classificações:

MEDALHA DE HONRA

para a melhor interpretação masculina

LESLIE HOWARD

em «PIGMALEÃO»

Segundo lugar na lista das melhores interpretações femininas

HENDY WILLER

em «PIGMALEÃO»

Terceiro lugar dos Melhores Filmes

«PIGMALEÃO»

A FEIRA DAS FITAS

AS VIAGENS DE GULLIVER

(Gulliver's Travels)

As fitas de desenhos animados de grande metragem, pela sua natureza especial, têm até aqui consumido as histórias infantis mais «cinéfilas», Branca de Neve, Pinocchio e, agora, Gulliver.

As personagens desses contos de fadas, fáceis de caricaturar ou utilizar, prestam-se mais que quaisquer outras para ser movimentadas e aceites, tal como os exageros de formas, todos os efeitos saídos do exagêro dos sentimentos ou suas expressões.

Os irmãos Max e Dave Fleischer aproveitando a célebre história do viajante Gulliver que Jonathan Swift criou, ficaram a ter como matéria-prima principal da sua história um país de anões; e sempre que as suas personagens são caricaturas — e são todas excepto Gulliver, e os príncipes — a graça de atitudes, os pormenores da sua representação, a vivacidade e o dinamismo que apresentam, tornam-nas dignas de fileirar ao lado das mais famosas personagens que até hoje tem sido criadas em desenhos animados. Dentre todas não queremos, no entanto, deixar de salientar o Pregoeiro da Cidade, os dois Reis, os Espiões e a Velha surda que são, na verdade, excepcionais. Quando as figuras pretendem ser humanas, talvez por castigo que pretende lembrar aos desenhos o seu domínio, todas perdem em valor, principalmente porque os desenhistas já não buscam emprestar-lhes graça e dinamismo mas sim naturalidade, «verdades» desenhada e movimentada, que é, claro, bastante utópica.

A encenação de Dave Fleischer é brilhante. Os cenários concebidos com notável fantasia, ricos de estilização e de cor e até como um cunho característico, um sabor a reino fantástico notável, contribuem brilhantemente para a representação; mas o movimento dos actores e a riqueza de «gags», o cuidado de pormenor de toda a realização merecem referência elogiosa muito especial — principalmente pelas cenas que precedem o acordar de Gulliver, toda a canção «All Well», o despertar da cidade, a marcha à procura do gigante e o trabalho para o transportarem.

A história foi adaptada para o cinema e planificada por uma equipa chefiada por Don Gordon que realizou trabalho de muito acerto e com carradas de graça. Um acompanhamento musical muito feliz valoriza quasi todas as cenas mas muito especialmente a marcha nocturna que é o maior momento do filme.

Gulliver desembarca numa praia com ondas «do seu tamanho» e contempla, depois, ondas do «tamanho dos anões»; há como este, outros deslizes de perspectiva, mas todos do somenos. — F. G.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATOGRÁFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

«AS VIAGENS DE GULLIVER» (Paramount)

- A encenação de Dave Fleischer.
- O «Pregoeiro da Cidade» pela sua graça e dinamismo.
- A canção «All Well» e duma maneira geral toda a música de Cleo Robin e Ralph Ranger.
- Os momentos maravilhosos que precedem o transporte de Gulliver em Lilliput.

«O SINAL DO ZORRO» (Fox-Films)

- A fotografia esplendorosa de ARTHUR MILLER.
- As decorações de THOMAS LITTLE.
- A encenação de ROUBEN MAMOULIAN.
- O magnífico duelo entre TYRONE POWER e BASIL RATHBONE.

«TOVARICH» (S. L. F.)

- A direcção de ANATOLE LITVAK.
- A planificação de CASEY ROBINSON e a montagem de HENRY DUST.
- Os cenários de ANTON GROT.

TOVARICH

(Tovarich)

Não conhecemos a peça de Jacques Deval, mas ficámos com uma ideia bastante nítida a seu respeito e certamente assás exacta — dizêmo-lo sem qualquer espécie de presunção pessoal! — depois de termos visto a sua adaptação cinematográfica produzida pela Warner — que, ao contrário do que muita gente supõe, é anterior a «Ninotchka».

«Tovarich» é uma comédia-tipo de boulevard e uma das peças mais perfeitas no seu género. Uma das mais perfeitas, não por dispensar as inferioridades do próprio género, mas porque contém, ao lado dessas inferioridades, qualidades magníficas de espírito, de construção e de intenção. E é essa coexistência em «Tovarich» das características do género boulevardier (certo artificialismo, excessiva simplificação, traçado convencional de personagens, situações e conflitos) com as qualidades atrás apontadas, que lhe valeu o seu enorme êxito parisiense e a consagração mundial de que este filme foi a apoteose. Quere dizer: tanto contribuem para o agrado da obra junto das multidões as qualidades a que nos referimos como as tais «inferioridades», termo que empregámos à luz de um critério de ordem meramente artística.

O facto de fazermos estas considerações sobre a peça a propósito do filme, implica a sua automática aplicação ao próprio filme. Empregámos este «corde-linho» porque no filme a peça está presente quasi a todo o momento. A concepção a que obedeceu a adaptação e a encenação cinematográfica encontra-se hoje ultrapassada (lembra-te, leitor, de «Mulheres», por exemplo); até se percebe, no filme, em que mo-

mentos o desenvolvimento da acção teatral era cortado pela queda do pano de boca. Mas por outro lado, o comediógrafo americano Robert E. Sherwood (autor de «Reunião em Viena» e de tantas outras peças teatrais famosas) soube conservar aos diálogos a cintilação literária do estilo parisiense, e Casey Robinson, que cinematizou a peça, não adulterou o carácter europeu do conjunto. A encenação também muito contribuiu para que ficássemos com essa impressão. Foi uma sorte para Anatole Litvak terem-lhe dado para tema do seu primeiro filme americano um assunto europeu. Litvak não sentiu assim grande dificuldade de adaptação, e a película só ganhou, evidentemente, com isso.

Alguns momentos pareceram-nos francamente felizes, como a sequência da lição de esgrima e todas as cenas do jantar, incluindo a entrada dos convidados. Esses trechos não saíram particularmente bem, apenas por obra e graça do realizador, mas em boa parte, por efeito da planificação e da montagem. Litvak no entanto, soube «marcar» as figuras e orientar a encenação com mão de mestre. Por isso conseguiu dar, em meia dúzia de planos e apenas com umas dez figuras, todo o panorama duma época e dum sistema: aquela reunião cosmopolita sintetiza magnificamente o «entre-as-duas-guerras».

Apesar de ser, para o público o principal atractivo, a interpretação é o ponto mais fraco do filme. Relativamente fraco, entenda-se. Claudette Colbert não pode «ir mal» em nenhum papel; no entanto a sua Grã-Duquesa Tatiana é demasiado terra-a-terra, não tem a «raça» que a rubrica exigia. Elvire Popesco, que criou a figura no palco, deve ter feito uma interpretação insupe-

rável. Charles Boyer faz o «primeiro acto» flagrantemente mal. Mas resgata-se depois, e por forma a fazer esquecer o «desfalecimento» inicial — que aliás a legião das suas admiradoras de certo nem notará.

Com Basil Rathbone sucede o mesmo que à admirável Claudette: nunca sabe representar mal, também. Mas, desta vez ao contrário do que se verifica na criação de Claudette, o seu Gorochenko tem «raça» a mais. A cena final, especialmente, ganharia bastante se o comissário soviético não tivesse tão «principesca» distinção...

Os outros intérpretes — Melville Cooper (o banqueiro Dupont), Isabel Deans (Madame Dupont), Anita Louise (Helena Dupont), etc. — cumpriram muitíssimo bem.

São ainda de citar os nomes de Anton Grot (o decorador) e de Max Steiner e Leo Forbstein, o primeiro autor e o segundo director do acompanhamento musical. — D. M.

O SINAL DO ZORRO

(The mark of Zorro)

Foi com autêntica ansiedade que fomos ver esta nova versão dum dos maiores êxitos cinematográficos de todos os tempos — êxito «mudo» que deu, no entanto, muito que falar... Recomendamo-nos «O Sinal do Zorro» aos nossos primeiros tempos de cinefília exaltada, quando procurávamos (e achávamos) em cada filme razões que favorecessem, como na «crystalização», amorosa de Stendhal, o nosso entusiasmo pelo «claro-escuro animado» e nos confirmassem as suas condições de arte. E «O Sinal do Zorro» foi certamente uma das obras que mais nos convenceu da singularidade do cinema, e melhor nos desvendou os seus vastos horizontes de recreio social.

A saudade da versão silenciosa original prejudicou porém a visão desta, sonora e recentíssima. Sem querer, fizemos constantemente o paralelo entre as duas, a que vimos e a que evocávamos. E isso não pôde deixar de informar a nossa visão e não pôde deixar de prejudicar a objectividade desta crítica.

Reparamos assim que Rouben Mamoulian, excelente encenador (embora nos tenha dado obras inferiores), se deixara, como nós, influenciar pela fita original, procurando seguir as pegadas de Fred Niblo, realizador do antigo filme. Seguiu-as na forma de apresentar as personagens, de as vestir, de as enquadrar e de conduzir o conflito, acção aventureira e empolgante. Guarda-roupa e decorações são dum luxo e dum gosto inexecedíveis. Certo vestido de Linda Darnell (exactamente o que veio na capa do último «Animatografo») é um esplendor de rendas negras, das mais perfeita fotogenia. Todos os interiores são cuidados com um esmero que honra os decoradores da Fox. E tudo isso é valorizado por uma das mais belas fotogra-

(Conclui na página 18)

O Correio do Bel Tenebroso

(Continuação da pág. 5)

tos pedidas pelos leitores. Não estranhes, pois, a demora. — *Doi-do com juízo* deseja cartear-se com *Um admirador de Ginger Rogers*, nosso simpático leitor da Madeira.

PINOCCHIO. — Não creio que *Escândalo na Sociedade* tenha sido cortado. Às vezes, há cenas, que são inutilizadas, antes do filme sair dos estúdios. De modo que não estranhes as lacunas que encontraste. — «Acho o Leslie Howard muito bom actor, mas não o gramo! (sic)» Então, não te digo nada... — O Louis Hayward é um artista correcto. Para mim, o seu melhor papel é o do filme *Meu filho e meu rival*. — Com que então as mais lindas vedetas da tela, na tua opinião, são a Rochelle Hudson, a Joan Bennett e a Sigried Gurie?! Aí está a razão porque o mundo se não volta: Quanto a mim, em matéria de beleza física, seleccionaria, à priori esta réplica de carne e osso às celeberrimas e lendárias «Três Graças»: Heddy Lamarr, Norma Shearer e Lana Turner! Que trindade, amigo, que trindade!

MICKY ROONETE. — Já é a 4.ª carta que me escreves?! Então esta é, concerteza, a 4.ª resposta que recebes! — Não creias no casamento de Mickey Rooney. Não te lembras daquela frase dêle, a-propósito, num dos filmes da Família Hardy? «Se posso fazer muitas felizes, por que motivo hei-de fazer uma infeliz?!» — Não te posso informar sobre as côres dos olhos das leitoras desta secção. — Envio a *Svidade* os teus melhores cumprimentos.

BOB TAYLOR. — Estou convencido (a estatística não é o meu forte) de que detens a flâmula azul da assiduidade nesta secção. Tens, deixa-me dizer-te, dois rivais de respeito: *Rey... sem tromo e Conde Misterioso*. Se há quem me escreva seis cartas, por semana! — Se a Ginger Rogers lêsse aquela passagem da tua carta em que dizes que ela é. «The girl more beautiful in the Universal» (sic), dir-te-ia, por certo, que pertence a RKO-Rádio e não à Universal, pois estaria longe de perceber que a apelidavas simplesmente da «mais bonita mulher do mundo!» — Escreve-lhe para RKO-Radio Picture, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. Mas deixa o teu inglês em paz... Escreve-lhe em português, que ela, se bem que não saiba patavina da nossa língua, percebe-te melhor, com toda a certeza.

DINHAMA. — Tens razão: é no telhado do prédio n.º 65 da Rua do Alecrim, que tenho instalada a minha secretária, a coberto de olhares indiscretos. As únicas pessoas que me vêem são os pardais, que ali fazem ninho. E deixa-me dizer-te que é melhor privar com os pardais, que com certos melros que eu conheço... — Filmes que não debes deixar de ver, entre os últimos exibidos: *O primeiro Amor de Gata Borracheira*, *De Braço Dado*, *Sinfonia dos Trópicos*, *Rebecca*, *Ro-*

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

bin dos Bosques, etc. — Até à próxima, *Dinhama!*

UM SONHADOR. — Maureen O'Sullivan nasceu em Boyle, Irlanda a 17 de Maio de 1911. — Corinne Luchaire tem 19 anos. — Irene Hervey, nasceu em Herwick, em Los Angeles, e chama-se na realidade, Irene Benlah Herwick. — Apreciei muito as tuas palavras. Espero breve carta tua.

BONECA VOLÚVEL. — Calculo as dificuldades de comunicações que há agora entre a Madeira e Lisboa. Porisso, dobradamente estimo as tuas notícias. — *Uma loira Madeirense* foi muito amável em te ter falado em mim, com tamanho interesse. Acho que escreves com muita espontaneidade e, de facto, é essa uma das qualidades das tuas cartas. Vai escrevendo sempre que possas que eu te responderei com o maior prazer. — *A Vida começa amanhã* é um filme encantador, quasi perfeito. E digo-te «quasi», porque não gosto da fase final de argumento.

UMA LOIRA MADEIRENSE. — Escreves-me, dizes, ao som de uma canção da Dorothy. É uma homenagem tocante!... — Se eu não gosto da Ann Rutherford? — Que pergunta! Claro que sim! Gosto de *tôdas* (de *tôdas*, repara bem) actrizes da tela. Dos homens, é que embirro com Nelson Eddy, John Boles e Gene Raymond, o que é natural, se bem que admire a voz admirável do primeiro e a encantadora esposa do terceiro que, como sabes, é a nossa simpática Jeannette MacDonald. — O Bing Crosby é um admirável cantor da rádio. — O Charles Trenet é um espantoso cantor, noutro género. Até hoje, interpretou dois filmes. E fala-se que virá em breve a Portugal, mas, sobre isto, não há, por hora, confirmação??

PEDRO DAS MALAS ARTES. — Espero não morrer sem ver a ilha da Madeira e saudar as simpáticas e dedicadas leitoras desta secção, que conto aí em tão elevado número! — Escreve à Maria Domingas, a Elisa Carreira e a tôdas as outras vedetas portuguesas, por intermédio de *Animatógrafo*. — Transmito a *Uma Loira Madeirense* os teus cumprimentos.

PRINCIPE MIKAIL. — Entre o *Monte dos Vendavais* e a *Torre de Londres* não podes estabelecer qualquer espécie de paralelo. O primeiro é uma obra excepcional, dentro da produção americana. — As fotografias de *Bigamia* a que aludes são fotos de publicidade, que nada têm que ver com as cenas do filme.

AMAMOS AS MORENAS. — Noto que o teu pseudónimo passou do singular para o plural! Mau sintoma: a doença alastra. — Aqui fica o vosso pedido: estes leitores (são dois) desejam cartear-se com leitoras morenas.

desta secção. Aviso às interessadas: acautelem-se com os tempos do verbo que elles conjugam no pseudónimo... — Escrevam à Deanna Durbin para Universal Studios, Hollywood, Califórnia. Se querem ter a certeza de receber a foto enviem 25 cêntimos, por cada que solicitarem.

VAGABUNDO FILÓSOFO. — Os artigos dos «novos» não podem ser olhados por Vv., como se fôssem de jornalistas profissionais. A-propósito: porque não te resolves também a colaborar na simpática página, que criticas, com a maior simpatia e correcção?!

ZÉ ALICA. — Escreve à Maria Paula, por intermédio de *Animatógrafo*, que lhe remeterá a carta.

ROSINHA DE TOUCAR. — Muito graciosa a tua carta, subscrita por um pseudónimo a um tempo tão modesto, tão florido e primaveril. As rosas de tocar lembram-me, ao pé das outras, as filhas daqueles pais menos endinheirados, que têm uma prole numerosa e que não os podem apresentar, por isso, com a ostentação com que vestiriam uma só... — Daqui por vinte ou trinta anos, quando desaparecer aquela geração coeva dos primeiros tempos do Cinema, já não haverá ninguém que diga mal dêle! Nós seremos, então, considerados os pioneiros dessa época... — Perde as esperanças de ver o *Ditador* de Chaplin, em Portugal. — Mickey Rooney: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — A letra da canção que mandaste já foi publicada, como viste. *Donanfer* agradecer-te-á.

JOÃO RATÃO. — O sr. Félix Bermudes é capaz de te pedir direitos de autor, pelo pseudónimo... — Aqui na Redacção não vendemos fotos de artistas. Não há nenhuma à venda. Salvo no formato de postal. — Breve serão publicadas as biografias que te interessam.

ALDEÃO MINHOTO. — A descrição que me fazes da tua aldeia tem qualquer coisa de cinematográfico. — Registo a tua adoração pela Deanna Durbin, «que ainda não tomou forma de paixão», o que é caso para te felicitar. Com efeito, de amores mal correspondidos anda o mundo cheio. — A palavra a que te referes quere dizer «convocada». — Parabéns, por teres recebido uma carta de Deanna Durbin.

ESTUDANTE COIMBRÃO. — Principais intérpretes de *Reporter à prova de Fogo*: Clark Gable e Myrna Loy. De *Revolta a Bordo*: Clark Gable, Charles Laughton e Franchot Tone. — Dois bons livros sobre técnica cinematográfica: *Silence on tourne* e *le Technique du Film*, edição da Casa Payot. Não os encontras agora em Lisboa. — Em português, além de *7.ª Arte*, de Mota da Costa, que me dizes ter, não

conheço mais nenhum. — Transmitti ao Director de *Animatógrafo* a tua sugestão sobre os assuntos que desejaras ver verificados. — Escreve à *Maria da Graça*, por intermédio da nossa revista.

JUAREZ. — Como deves ter visto, a página do Cinema de Amadores, é uma realidade. Espero que estejam satisfeito. — O nosso camarada João Mendes, terá, por certo, muito prazer em te dar a opinião sobre o filme que pensas realizar. — *Juarez*, de *Paul Muni*, não se exhibirá tão cedo, entre nós. E agora uma liçãozinha de inglês: «Boa sorte», na língua de Shakespeare escreve-se «Good luck». Tal como escreveste, «bom lago», o que me parece pleonástico desejar, dadas as inundações que vão por esse país fora... — Não amues com a piada... Já o Eça dizia que devemos falar as línguas estrangeiras «patrioticamente mal». E porque não esrevê-las, de maneira idêntica?

PIRILAMPO. — Muito prazer em conhecer-te! — Este «cintilante» leitor deseja corresponder-se com vedetas da tela. — manda os teus artigos para a Página dos Novos. Se fôrem bons, aparcerão! — Transmitti ao director de *Animatógrafo* o que me dizes sobre o agrado incondicional que a nossa revista tem despertado.

DUAS FUTURAS AVIADORAS. — Com que então falaram ao Jean Murat? Ele é, de facto, um artista muito simpático. — Wallace Beery é um dos ases que mais se dedica à aviação, mas muitos outros têm o «brévet» de piloto, como por exemplo o Laurence Olivier. — A aviação, o cinema e a rádio são, quanto a mim, os mais belos pontos do génio humano do século XX. — As firmas americanas de cinema têm as suas sedes europeias a funcionar, provisoriamente, em Portugal. — Quanto a mim, a maior qualidade de Ray Milland é ter sido o parceiro de Lamour em vários filmes...

CALOIRO CINÉFILO. — Ginger Rogers é, incontestavelmente, uma artista admirável! Na comédia, no drama, loira ou morena, é sempre uma vedeta com marcada personalidade e uma mulher perturbadora, que dá gosto ver, — A Deanna Durbin ainda não está casada com o Vaughan Paul, que é apenas, por ora, o seu «seveetheart» — Crês, então, que a voz de Deanna já foi melhor?! Não concordo. A voz das vedetas da tela é função da qualidade dos aparelhos de reprodução do som e até do estado de afinação e limpeza em que se encontram. Talvez não saibas que a intensidade da própria corrente que alimenta as máquinas projectoras influe poderosamente no timbre e limpidez da voz emitida! — Felicito-te pela forma como criticas e compreendeste *O 1.º Amor de Gata Borracheira*.

UMA ADMIRADORA DE DEANNA DURBIN. — Escreve à Deanna, a solicitar a ambicionada foto, com o seguinte endereço: Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia.

«Animatógrafo» cumpre sempre o que promete!

UM ORIAM, ETC. — Resumi o teu pseudónimo. É muito extenso. A falta de espaço obriga-me a este racionamento. Tem paciência, amigo. E escolhe outro mais sintético. — Escreve a Dorothy Lamour para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — Espero que tenhas visto *Tufão*. A Dorothy está linda, como sempre. Pena é que não tenha um pouquinho mais de sorte com os filmes que lhe cabe interpretar. — Não me recordo de ter lido outra carta tua, anteriormente. Mas se a recebi, a resposta, a resposta, podes estar certo, já apareceu com certeza!

ROMEU NO ALVITEJO. — Estou convencido de que a estas horas, com a cheia do Tejo (que na terra onde vives costuma assumir proporções assustadoras) já terias dados passeios de barco, sobre a planície alagada, onde os eucaliptos, afloram, como arbustos aquáticos... — Na resposta anterior, lerás o endereço da Dorothy Lamour. — Não necessitas de ser assinante, para que eu te responda. No entanto registo comovido a tua declaração: «se fôsse preciso deixarias de comer, para poder assinar *Animatógrafo*». Não digas mais, que já tenho as lágrimas nos olhos!...

SERRANA. — Respondo a uma carta tua, que andou de Herodes para Pilatos, por causa da forma como a endereçaste: «Redacção do Animatógrafo — Século-Lisboa!» que confusão a tua! — Tenho o maior prazer em saber que, finalmente, te resolveste a cartear comigo. Ficarás incluída na infidível lista das minhas consulentes. Folgo porque, agora, tens possibilidades de trocar impressões comigo, sempre que quiseres. — Achei curiosa a tua opinião a propósito do inquérito «As Mulheres são assim?»: «Os escritores e os jornalistas (dizes tu!) vêem-nos tal como somos. Os actores e actrizes, julgam-nos através das personagens caricaturais que têm vivido ou com as quais têm contracenado». Talvez tenhas razão. — Espero, com o maior interesse, novas cartas tuas.

JANETGAYNÓRFILA. — Hello! — Dos filmes portugueses é difícil dizer-te concretamente, qual é o melhor. Há que atender a muitos aspectos e circunstâncias várias, e até às datas em que foram filmados, se quisermos ser justos. — A vedeta que citas é, de facto divorciada. — Dois dos melhores filmes da época de verão? *Os Loucos Divertem-se* e *O Poder das Trevas*.

SCARLET. — Antes da próxima temporada não verás *Tudo isto e o Céu também*, de Irene Dune e Chares Boyer. — Para obteres o número 1 de *Animatógrafo* deverás dirigir-te directamente, num simples postal, à Administração da nossa revista. — Obrigado pela letra da canção que me enviaste. — Viste a famosa intérprete da personagem cujo nome adoptaste como pseudónimo?! Não é uma adivinha, embora pareça. Pergunto-te, apenas se viste a Vien Leigh. Parece uma daquelas bonecas que estão na montra da Kermesse de Paris. — Espero as tuas próximas cartas, num ritmo menos compassado.

UMA DISCÍPULA DE ARSENE LUPIN. — Quanto à tua pergunta, julgo poder informar-te: não! — Escreve ao Richard Green para 20th Century Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, California. — Não me importo pensar que eu sou um autêntico nada se as minhas consulentes «Frankenstein». De injustiças e falsos juízos está o mundo cheio...

FOTOGÉNICA. — Respondo a uma certa em que me dizes as tuas desolações por não teres tido, à data, resposta às que me havias escrito. Espero que agora te encontres 100 por cento satisfeita — Cumprimenta, por mim, a tua amiga *Miria da Graça*.

PERIQUITA RAIVOSA. — Até aqui, conhecia apenas a Periquita de Sintra, pelas suas excelentes queijadas. Tenho muito prazer em travar conhecimento com a sua homónima hidrófoba... — O Freddie Bartholomew nasceu a 28 de Março de 1924. Tem, pois, 17 anos incompletos. — Escreve-me mais vezes, pois já te inscrevi, como pedes, no número das minhas simpáticas consulentes.

MR. SATANAZ, REPÓRTER FANTASMA. — Tomámos nota das tuas preferências. — Quanto ao conselho que me pedes, prefiro não o arriscar. Fica ao teu critério.

BOB TAYLOR. — A tua carta tem nada menos de seis páginas. Por mais que as «espremesse», não tinham sumo nenhum.. Tem paciência, pois, porque passo adiante...

ESTUDANTE DE OXFORD. — Nada tens a agradecer. Estou aqui para responder a todas as consultas e trocar impressões com os meus leitores. — Linda Miranda não pôde interpretar o papel para que fôra convidada no *João Ratão*, por motivos alheios à sua vontade. — Sei que Jorge Brum do Canto pensa aproveitar-la num futuro filme.

BENJAMINA. — Também prefiro a Deanna-bébé, a Deanna de *Três Rparigas Modernas*, à Deanna-que-já gosta dos-beijos-de-Amor da fase actual. Mas repara, Benjamina, que esta é a Lei da vida: Tudo se transforma. — O 1.º «curso de férias»? Onde irá ele... Os caloiros não têm, em regra, a seriedade precisa para as provas públicas. Foi rever *João Ratão* e a *Aldeia da Roupa Branca*, no mesmo espectáculo!? Mas que extravagância tão patriótica, Benjamina! — Espero que tenha gostado de *Robin dos Bosques*. O Errol Flynn está a preencher, muito bem, a vaga do saudoso Douglas. A sôr é, de facto um encanto. — Transmito as saudações que V. envia para todos os leitores que a têm cumprimentado e, em especial, a eMlita Sarreia Cabral, «por quem V. tem uma tão sincera simpatia».

PRINCESA DOS DIABRETES. — O facto dos espectadores chegarem tarde aos espectáculos pode considerar-se já um vício nacional. Repara tu, que mesmo num concêrto, onde sabem que têm que aguardar, nos corredores, que termine a execução da peça que está sendo executada, é chegam tarde. — Achei muito enorme a percentagem dos que chegam tarde. — Achei muito

curioso o aspecto que foste, a propósito da conferência de Jean Renoir: teres encontrado, na sala, muitos dos teus professores e das tuas colegas, «desta vez, todos no mesmo plano, todos atraídos por um assunto que os irmanava: o cinema». — Tereza Casal não tem, por ora, a intenção de deixar Lisboa, pelo menos nestes meses mais próximos. — Saúdo, conforme pedes *Love Sick*.

CONDE AXEL DE FERSAN DA SUÉCIA. — Escreve a Betty Grable para 20th Century, Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, Califórnia. — Patricia Morison: Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — É enorme a lista dos filmes de Alice Faye. Os mais célebres foram: *A Avenida dos Milhões*, *o Incêndio de Chicago*, *Não se pode ter tudo e Sinfonias Modernas*. — Muito engraçada a história da tua vizinha milionária, que não compra o *Animatógrafo*, porque é «uma coisa supérflua», e o pede emprestado todas as quintas-feiras... Afinal, supérfluo, para ela, com efeito, é dispendioso os \$50... pois se tu lhe emprestas, todas as semanas, com a pontualidade dum cronómetro, a revista dos seus amores!... — Este leitor saYda *Scarlat*, *Fotogénica* e *Marilia*; retribue os cumprimentos de Rey... sem trono; e manifesta o desejo de se cartear com as três leitoras, atrás mencionadas.

I AM CHARLES BOYER. — Podes escrever às vedetas americanas, sempre que queiras. As carreiras com os Estados Unidos estão absolutamente asseguradas. — Merle Oberon: Unitel Artists Studios, 1040, Formosa Avenue, Hollywood, Califórnia. — Jane Withers: 20th Century — Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, Califórnia. — Maureen O'Hara: RKO-Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia.

LUIZ XV. — Com todo o prazer assinarei o teu álbum de autógrafos, desde que o deixes na Redacção, para esse efeito. Dois ou três dias depois, poderás ir buscá-lo. — Caculo o teu desconsolo pelos sucessivos números sem resposta. Mas um cinéfilo da tua tempera, não desanima. Se tu visses a montanha de cartas que eu tenho para responder, pedias por mim, nas tuas orações. — A Rosalind e a Crawford, apesar de tudo, são admiráveis», diz-me tu. De acôrdo, principalmente se não as julgarmos pelos papéis que desempenham em *Mulheres* e se nos lembrarmos de que a Sylvia e a Christal são duas vedetas encantadoras. Mas se tu um dia fôres vítima, na vida real, das intrigas duma ou das falsidades da outra, nas suas versões portuguesas, talvez não digas que são adoráveis, muito embora os outros possam ser dessa opinião... — *Maria da Graça*, estou informado, não mandou ainda aos admiradores as fotos que estes lhe têm solicitado.

UMA CINÉFILA EBORENSE. — O António de Sousa de Pão Nosso é o mesmo António de Sousa de Pôrto de Abrigo, e o mesmíssimo intérprete de *Lobos da Serra*. Três filmes distintos, e um só intérprete verdadeiro! — Pelo que me dizes tem aí passado bons filmes, à parte Pão

Nosso, que consideras justamente uma desilusão. — Transmito as tuas saudações a *Maria Cotovia* e *Deram-lhe uma espingarda*.

DONALDO. — Respondo àquela carta que me escreveste, quando estavas no rescaldo da gripe. E ou fôsse por causa da gripe, ou por ainda teres a mão pouco firme, o certo é que tive que fazer sérios estudos para perceber a tua carta. — Muito graciosos os teus comentários ao depoimento dos homens, no inquérito *As Mulheres são assim?* Ri, com alguns deles. — Um rapaz de 21 anos não deverá ser admitido, possivelmente, no Clube do *Animatógrafo*, pois custa a crer, de facto, que aos onze anos, fôsse cinéfilo no sentido elevado da palavra: isto é que sentisse, conscientemente, a Arte das Imagens, e que olhasse o cinema com o seu espectáculo favorito.

LADY ENIGMA. — Só agora consegui perceber o teu pseudónimo, que tanto me intrigou, quando da tua primeira carta! Vejo que és uma apaixonada dos livros «o eterno asilo de todos os descontentes e abandonados», a frase de Stephan Zweig que recordas tão a propósito. — A tua defesa da mulher, contra as que o filme de *Women* apresentou, «e que não passam (dizes tu) de neuropatas», é inteligente e convincente. Mas não vale a pena zurrir os homens, *Lady Enigma*... No fim de tudo, eles sabem, quasi sempre, apreciar as que não são descuidadas e que não têm a mono-mania do exibicionismo». Simplesmente: as mulheres são como as côres. nem sempre a mais vistosas e atraentes são as mais belas... E em rigor, as primeiras são as que desbotam mais... — Paula Wessely, e Anna Sten, não estão retirados do cinema. Tudo leva a crer que os vejamos em bons filmes, sobretudo a primeira.

GAROTA DE LISBOA. — «Cada número de *Animatógrafo* é um prazer novo!» Ai está uma opinião extremamente agradável, para quantos trabalham nesta revista. — Compreendo perfeitamente que tenhas «adorado» a actuação de Garbo em «*Ninotchka*!» «It's sensational!» — Transmitem as tuas saudações a *Conde Axel de Fersan da Suécia*, *Raffles* e *Bob Taylor*.

RAFLLES. — Joan Bennett: United Artists Studios, 1040 Formosa Avenue, Hollywood, Califórnia. — O filme que citas é muito mauzinho, de facto...

Bel-lensbrato

POSTA RESTANTE

CARTAS TRANSMITIDAS — Para *Uma Loira Madeirense*, (Funchal), 2 cartas; para *Moreninha Insinuante* (Funchal), 13 cartas; para *Adoro Madeleine Carroll*, 1 carta.

CARTAS QUE AGUARDAM ENDEREÇO — Tenho em meu poder cartas para *Baldika*, *As de Copas* e *Donalda*. Aguardo que os destinatários me comuniquem os respectivos endereços, para onde as deverei re-meter.

As carreiras dos dois triunfadores de 1940

Greta GARBO

e

Leslie HOWARD

evocadas por Jaime de Castro

Que caminho prodigioso o percorrido por Greta Garbo desde o momento histórico em que, pela mão amiga e apaixonada do saudoso Mauritz Stiller, abandonando o modestíssimo «deck» do Drottningholm pisa pela primeira vez o continente americano, senhora dum contrato mais que insignificante com que Louis B. Mayer a presenteara, até à posição verdadeiramente excepcional que hoje disfruta dentro do cinema.

Como vão longe os momentos difíceis das suas primeiras horas americanas, abandonada às suas recordações da pátria distante, desprezada por todos, mal vista pelos camaradas, que nela encontravam apenas uma intrusa e uma concorrente.

Daí o seu azedume, o seu inconformismo, o seu isolamento que, depois, se deveriam tornar lendários.

Tal era o panorama tão pouco propício, tão agreste, que rodeava a dolorosa protagonista da «Rua sem Sol», quando, quasi a medo, por entre a desconfiança e a dúvida de todos, se iniciaram os trabalhos de realização de «Torrente», a sua primeira obra de Hollywood, o primeiro élo valioso duma cadeia que não mais se quebraria!

Na verdade, é digna de mais viva admiração, para quem, por instante se detenha a observá-la, a sua carreira transcendente, única, orgulho do cinema.

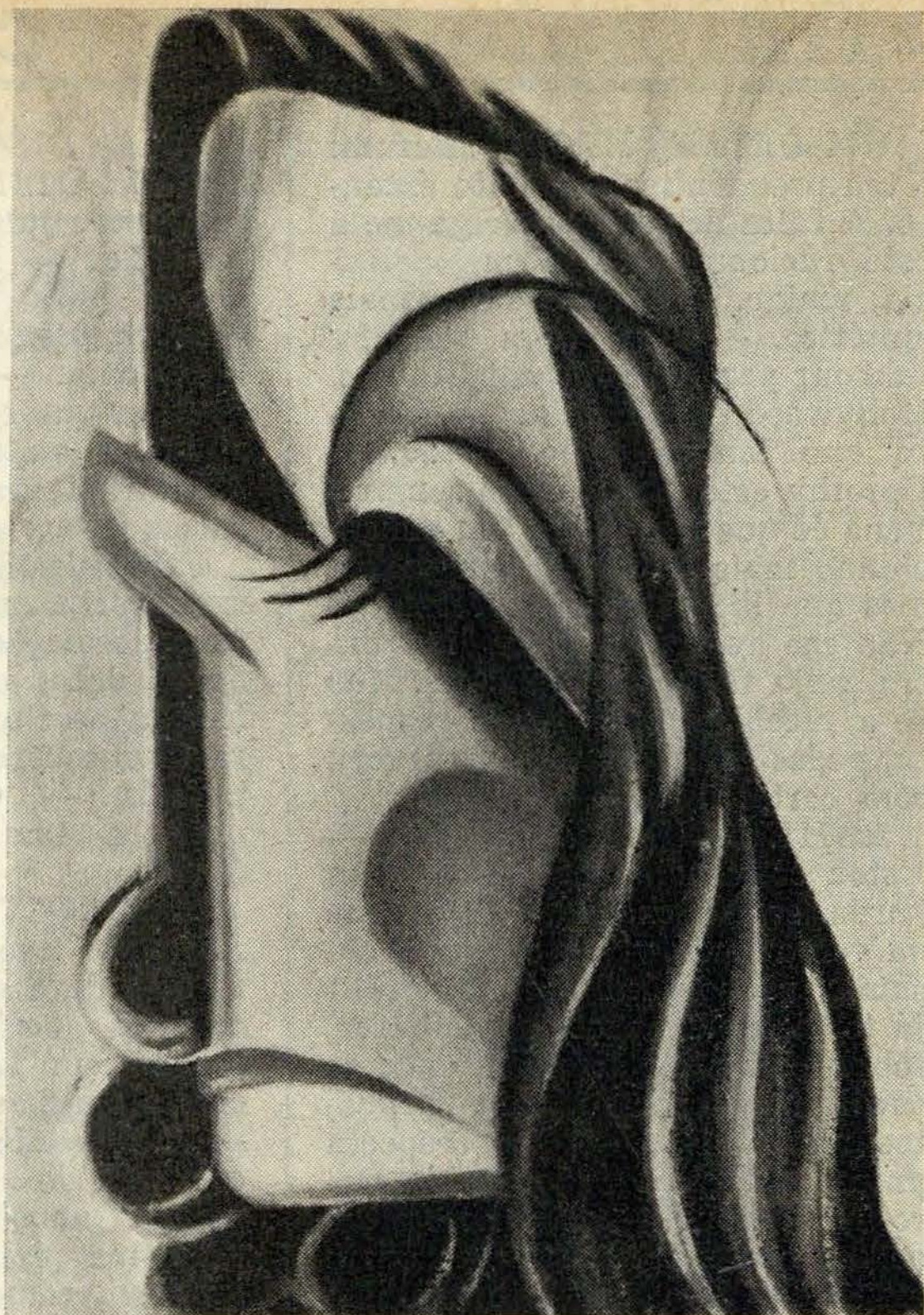
Nunca ninguém houvera que se lhe pudesse comparar, por mais nomes que a memória ofereça. Nem Mary Pickford, nem Norma Talmadge, nem Lilian Gish, nem Gloria Swanson, nenhuma das grandes vedetas de outrora, nenhuma das de hoje se pode orgulhar duma carreira mais longa e mais brilhante, mais prestigiosa e mais bem preenchida.

«A Tentadora», «O Demónio e a Carne», «Anna Karenine», «A Mulher Misteriosa», «Orquídeas Bravas», «O Beijo», «Romance», «Mata-Hari», «Grande Hotel», «Rainha Cristina», «Margarida Gauthier», «Maria Waleska», «Ninotchka», são nomes que dizem do seu talento, da sua personalidade, da sua inteligência, da sua sensibilidade.

Por isso, mais que merecida, justíssima, foi a distinção que Portugal, pela voz de «Animatógrafo», acaba de prestar a Greta Garbo, premiando-a com a medalha da melhor interpretação feminina, pela sua actuação maravilhosa em «Ninotchka».



LESLIE
visto por
ROIZ
e GARBO
vista por
LAGINHA



num actor de teatro, mais: um dos mais categorizados actores do teatro inglês, de linhagem artística dos Emlyn Williams, dos Robert Morley, dos Michael Redgrave, dos Laurence Olivier, habituais frequentadores, também, dos estúdios ingleses e americanos.

Foi em 1917, depois de se ter invalidado na guerra, que Leslie Howard, até então modesto empregado de banco, ingressou no teatro, precisamente nas mesmas circunstâncias em que para ele entraram os seus compatriotas Herbert Marshall e Ronald Colman.

A carreira teatral de Howard repartia-se igualmente pelos teatros de Londres e de Nova York, onde fez desde o reportório moderno de Noel Coward e G. B. Priestley ao teatro de Shakespeare.

A sua estreia no cinema fez-se em Hollywood por ocasião duma das suas «tournées» à América, país onde, por assim dizer, tem decorrido toda a sua carreira cinematográfica.

Leslie Howard foi o «partenaire» de Norma Shearer em

quatro dos seus filmes: «Segredos», «Quando o Amor nasce», «Uma Alma Livre», «Romeo e Julieta»; e vimo-lo ainda em «Capturados!», «A Floresta Petrificada», (um filme notável, com Bette Davis), «O Pimpinela Escarlate» e «Fábrica das Ilusões», uma comédia deliciosa que era uma acerada crítica a determinados sectores do cinema americano.

«Pigmaleão», o filme que lhe trouxe a medalha de «Animatógrafo» para a melhor interpretação masculina de 1940, e «Gone With the Wind» são os seus dois últimos filmes.

Leslie Howard nasceu em Londres a 24 de Abril de 1893 e Leslie Stainer é o seu verdadeiro nome. É casado, tem uma filha de 16 anos e um filho com 25, cuja semelhança com o pai é extraordinariamente flagrante. De tal maneira que é ele que, nas grandes estreias, nas grandes reuniões, assina os autógrafos das admiradoras do pai...

Leslie Howard vive principalmente na Califórnia, e é tido como um dos mais temíveis Don Juans de Hollywood.

★
«No cinema, um actor nada mais é que um autómato em frente da câmara. O realizador diz-lhe o que tem a fazer e entrega-lhe meia dúzia de linhas que ele debita em frente da objectiva. Um actor de cinema só faz o que lhe dizem para fazer, exterioriza uma missão, define um sentimento tal como o realizador o concebe.

«Ao contrário do que lhe sucede no teatro, não pode mover-se livremente, preso à rigidez do campo da objectiva. O produtor e o realizador, êsses, é que são os verdadeiros artistas dum filme, pois são eles que possuem o contróle de toda a produção. São os chefes de fila. Nós os actores, nada mais somos que modestos e apagados obreiros.

«Para me sentir satisfeito comigo próprio, quando pressinto faculdades criadoras volto-me para o teatro, e interpreto uma peça».

Eis o pensamento de Leslie Howard a respeito do cinema, melhor, a respeito de interpretação cinematográfica. Claro que são afirmações propositadamente exageradas, generalizações excessivas, que não são de estranhar

A FEIRA DAS FITAS

(Conclusão da página 15)

fias a preto e branco que temos podido ver. Alguns equadramentos de exteriores são soberbos e certas deslocções da câmara habilíssimas.

Na interpretação, Tyrone Power propôs-se aguentar o confronto temível com a antiga e maravilhosa interpretação de Douglas Fairbanks. Justo é dizer que não teve a felicidade de Erroll Flynn em «Robin dos Bosques», pois fraqueja no aspecto peralvilho do seu papel, embora empreste a sua esplêndida figura, insinuantíssima, ao valeroso espadachim que completa a personagem. Tyrone seguiu, aliás, humildemente, as lições do grande Doug. Mas não obteve o mesmo magnífico contraste. Basil

Rathbone, no antigo papel de Robert Mac Kim, êsse, é de primeira ordem. No seu duelo com Tyrone (a melhor cena do filme) prova mais uma vez os seus extremos de esgrimista. Eugene Palette interpreta um padre curiosíssimo e Edward Bromberg um tiranete medroso perfeitamente aceitável. Linda Darnell limita-se a ser bonita e Montague Love incarna com imponência um fidalgo californiano, pai do versátil Don Diego.

O acolhimento entusiástico do público ao novo «Sinal do Zorro» veio confirmar a maré propícia aos bons filmes de movimento e aventura, o que temos por optimo sinal de formação cinemófila. — A. L. R.

SENHA
DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo os retratos seguintes:

Actriz:

Actor:

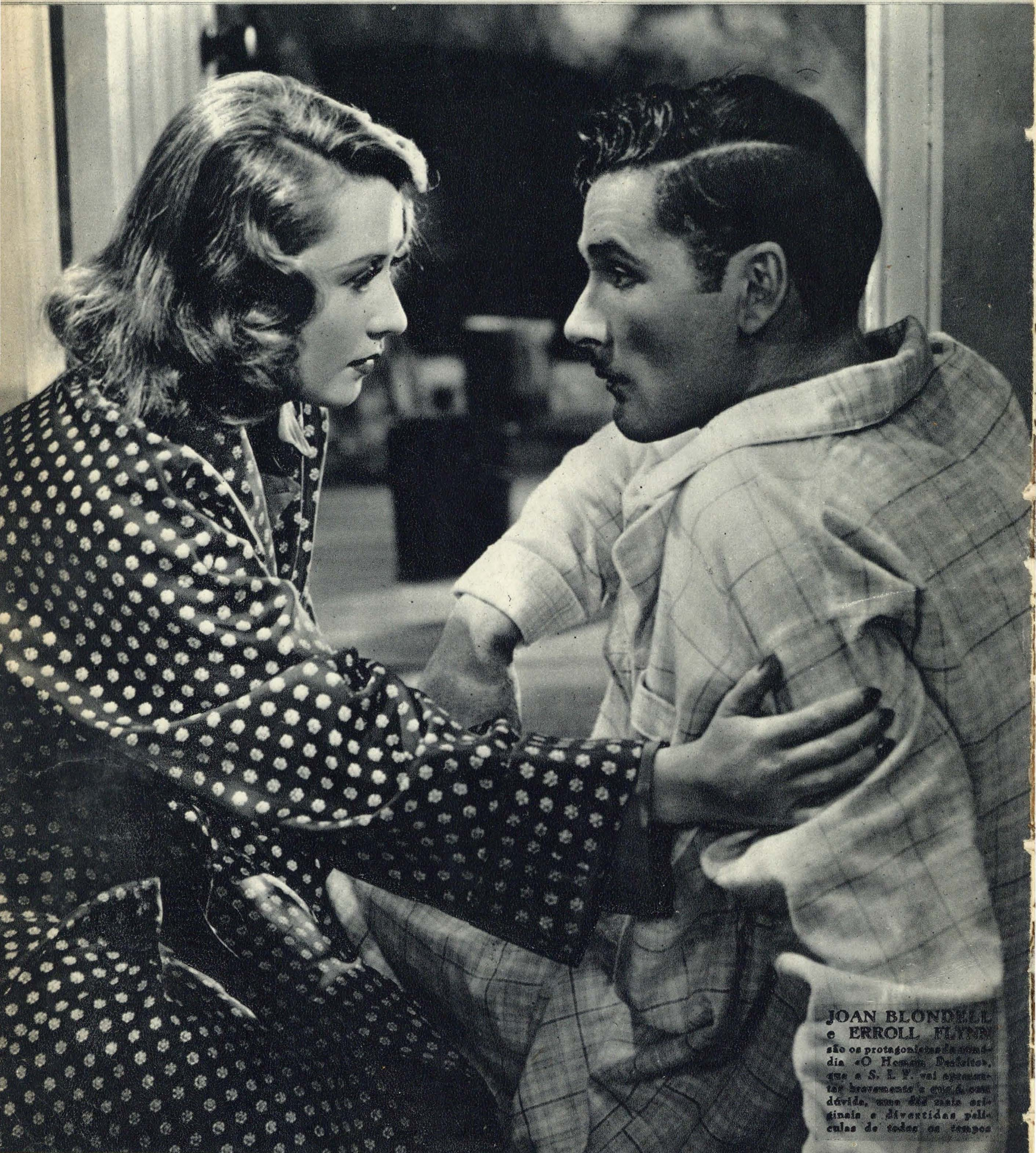


D. MARIA TEREZA DE NORONHA

A grande revelação do Fado, amadora distintíssima, que "Animatógrafo," teve a honra de apresentar ao público pela primeira vez, alcançou um êxito triunfal na Festa de quinta-feira, pelo seu talento excepcional e pela sua rara elegância. Este retrato, feito expressamente para o nosso jornal por Silva Nogueira, também é o primeiro que D. Maria Tereza de Noronha tirou num "atelier".

Animatográfico

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



JOAN BLONDELL
e ERROLL FLYNN
são os protagonistas da comé-
dia «O Homem Desfeito»,
que a S. L. F. vai apresen-
tar brevemente a que, sem
dúvida, com sua mais ori-
ginal e divertidas pel-
culas de todos os tempos

ESTE NUMERO CONTEM 2 RETRATOS-BRINDE: MARIA DA GRAÇA e OSCAR DE LEMOS